

CONTANDO CONTOS

ALFREDO CIUFFI NETO

ÍNDICE

- 1. Prólogo 3**
- 2. A Vidente 4**
- 3. O Berro do Burro 17**
- 4. Quando o Conto Conta 20**
- 5. Conto da Meia Noite 23**
- 6. Triste Reencontro 27**
- 7. Noite de Lua Cheia 31**
- 8. O Herdeiro do Diabo 35**
- 9. O Retrato de Carmem 39**
- 10. Encontro no Lago Azul 43**
- 11. Maria, João e Joãozinho 49**
- 12. Meu Vizinho Hipocondríaco 54**
- 13. O Sonho, o Preto e o Andarilho 59**
- 14. O Viajante 67**
- 15. Uma História... 74**
- 16. Metamorfose 78**
- 17. Indecisão 83**
- 18. O Gordo e o Magro 86**
- 19. Mania de Gordo 90**
- 20. Domesticando 93**
- 21. Um Rosto na Sombra 98**
- 22. Manoel, Salim e Jacó 103**
- 23. A Casa da Colina 107**
- 24. Uma Viagem Muito Louca 112**



PRÓLOGO

“*Contando contos*”, procura levar a seus leitores algumas histórias às vezes divertidas e bem humoradas, outras vezes, talvez, um pouco místicas procurando proporcionar um entretenimento variado. Foi com esta intenção que procurei fazer uma seleção que possibilitasse horas de lazer a todos àqueles que de uma maneira ou de outra venham prestigiar esta modesta obra, dispensando um tempo precioso com a sua leitura.

Assim, conforme o título sugere, “*Contando Contos*”, porque geralmente são histórias curtas de fatos ora vivenciados por este autor, ora vividos por outras pessoas. Fica claro e evidente nas páginas que se seguirão que com uma pequena lupa foi aumentado o “causo” até com algum exagero, com o propósito firme, único e exclusivo de torná-lo mais interessante ao cuidadoso e paciente leitor.

“*Contando Contos*”, porque algumas histórias que aqui estão sendo narradas, foram tiradas da simples e pura imaginação deste autor. Na verdade, são pequenos contos, com o propósito de levar até o leitor, momentos de distração, pois todos estamos cansados de tantas informações desconcertantes, disparatadas e cansativas que vemos no dia-a-dia, e que nos causam tantos dissabores, profundos e enraizados estresses.

Foi assim, pois, com estas idéias na cabeça, e horas de madrugadas na frente de um computador, que este livro devagarinho foi tomando forma. Espero que o mesmo venha de encontro à expectativa dos leitores deste gênero.

O Autor.

A VIDENTE

Estava quase anoitecendo quando Marieta adentrou a sala de estar, onde eu e meu primo Antonio conversávamos descontraidamente. Ambos notamos o estado de agonia que Marieta demonstrava em seus gestos quase que desconexos. Sua atitude era um misto de ansiedade, nervosismo e euforia. Nas mãos tinha um pequeno folhetim que vez por outra olhava e o amassava por entre os dedos numa atitude de muita indecisão.

Marieta era a minha prima mais velha, ainda adolescente e irmã de Antonio. Todos na família sabiam de seu sonho mais profundo pelo qual batalhava para alcançá-lo, sem medir qualquer tipo de esforço. Parava horas defronte as vitrines de casas que vendiam enxovais para noivas. Diante de sua imaginação via-se dentro daqueles deslumbrantes vestidos de casamentos que ali, bem a sua frente, achavam-se expostos. Delirava em seus devaneios até que um suspiro a arrebatasse daquele transe e a devolvesse à realidade. Não tinha ainda sequer namorado; não que fosse feia, antes pelo contrário, era muito bonita, mas também muito seletiva na escolha do homem que seria o seu parceiro pelo resto da vida.

Sonhava acordada com um príncipe que na realidade não existia, um homem perfeito sem vícios e elegantemente vestido com roupas finas e bem talhadas. Alto, magro e bem falante, dentro de uma cultura européia sofisticada e galante. Só que Marieta, dentro de todas suas exigências, não percebia seus

defeitos, primeiramente devia verificar seus erros e suas intransigências que afastavam todos os rapazes que dela se acercavam. Este era o seu grande e incorrigível defeito.

Assim que a observamos na sala, indo e vindo com aquele papelzinho na mão, afoita e imprecisa, acerquei-me dela curioso.

- Olá prima, tudo bem com você? Perguntei-lhe querendo saber a razão de tanta angústia. Quem sabe poderia ajudá-la?

- Olá, respondeu-me com olhar de espanto, olhando ora para mim, ora para Antonio, e continuou pensativa a enrolar aquele papelzinho na mão e a andar de um lado para outro, sem nos dar a menor importância. Parecia que nem nos tinha visto.

Seu irmão tomou a frente e perguntou-lhe uma vez mais a razão de estar assim tão nervosa, e foi quando respondeu de um só fôlego:

- Antonio, meu irmão, você não pode nem imaginar o que me aconteceu agora, um pouco antes de entrar em casa... Respirava profundamente enquanto levava ambas as mãos na altura do peito, procurando dissimular o seu estado emocional.

- Não, claro que não, como posso saber? Diga logo o que aconteceu. Vamos, menina, desembuche. Falamos quase ao mesmo tempo, eu e o meu primo, já ansiosos por saber aquele mistério todo.

• Ta, eu conto, eu conto...!
Esperem só ...

Foi então que Marieta explicou que havia sido abordada por um menino, que em sua direção veio correndo entregar-lhe aquele papelzinho com um recado: “Mãe Marajoara está lhe aguardando em sua residência. Pediu-me para dizer-lhe que a procure no endereço do folheto. Tem ótimas informações de seu interesse. Não deixe de procurá-la.” Entregando o folhetim, o menino saiu correndo até perder-se de vista na virada da primeira esquina. A menina julgou o convite como pessoal e unicamente para ela. Aquilo assumiu uma forma mística em sua mente, então, só poderia ser obra de alguma força misteriosa, pensava.

Após ouvirmos atentamente a sua história, pegamos o papel de sua mão e em rápida olhada pudemos ler a seguinte mensagem: “Mãe Marajoara, vidente de longa experiência. Trata casos de frigidez masculina e feminina. Insucessos no amor. Situações mal resolvidas. Após sua visita, só pague se ficar inteiramente satisfeito. Caso o seu conflito não seja resolvido em sete dias devolveremos o dinheiro”.

De maneira quase que instantânea, eu e Antonio caímos no riso sem nos aperceber de que poderíamos estar ferindo os melindres de Marieta. Paramos nossos sorrisos da mesma maneira que começamos; e sob o olhar enfurecido da moça, que naquele instante deixava a sala pisando firme sobre os degraus da escada que dava para o andar superior onde ficava o seu quarto.

Ficamos parados ali onde estávamos, atônitos e desconcertados. Penitenciávamos pela atitude que tomamos, zombando de Marieta e faltando com um mínimo de recato e reconhecimento dos valores íntimos e intrínsecos que poderiam afetar o comportamento dela.

- **Bem, acho que cometemos uma asneira. O que faremos agora? Indaguei constrangido.**

- **Nada! Respondeu Antonio com voz embargada. Deixe-a descansar, amanhã estará melhor e então poderemos conversar.**

O céu rapidamente escureceu apagando os raios do sol no horizonte; a noite estava maravilhosa e cálida apenas um vento fresco soprava mansinho.

Marieta sentada em sua cama sobre uma colcha bordada em cetim, divagava apreensiva sobre muitas coisas que poderiam lhe acontecer após a visita que pretendia fazer àquela vidente.

Levantou-se vagarosamente indo até a janela deixando-a aberta para sentir o frescor da noite tocar em suas faces; sentia que sua vida poderia mudar. Questionava-se se era crédula ou incrédula com relação ao esoterismo ou a forças do além, misturava os pensamentos e ficava cada vez mais indecisa. Será que Mãe Marajoara poderia mesmo ajudá-la a arranjar um marido nos moldes que ela sonhara? Se isso fosse realidade ela seria a mais feliz das viventes. Como ela faria essas coisas sem ser notada ao procurar a vidente? Como reagiria seu irmão e o primo diante deste fato? Seus pensamentos voavam altos e quanto

mais pensava na realização do seu sonho, mais e mais se chafurdava num labirinto de perguntas sem respostas. Adormeceu tomada pelo cansaço e pelo desvario dos pensamentos.

Na manhã seguinte, logo que o sol se colocou a pique, seu irmão preocupado, sabedor da reação física e psicológica da sua irmã, saiu à rua na expectativa de encontrar o tal menino, mensageiro daquela agonia toda. Tanto andou que de repente avistou um moleque, que numa das esquinas entregava um folhetim. Acercou-se dele e verificou que aquele era o mesmo folheto que tinha visto com sua irmã. De longe analisou o comportamento do garoto que procedia sempre da mesma maneira, evidentemente orientado pela dita madame, ou seja, corria atrás daqueles que pressentia que havia mais interesse no assunto e tornava o recado pessoal: “A madame quer vê-la, tem informações que lhe interessam pessoalmente” Aguçando a curiosidade dos incautos, ou menos avisados, que movidos pela curiosidade procuravam seus serviços.

Marieta levantou-se logo cedo e saiu para fazer algumas compras no mercado. Lá se encontrou com uma amiga que há muito não se viam. Abraçaram-se e puseram em dia as novidades.

- Você não vai acreditar se te contar! Disse a amiga com os olhos brilhando de emoção.**
- Então fale logo! Você sabe como sou curiosa não?**
- Fui visitar uma vidente que chegou por estes dias na cidade. Todo mundo está indo consultar com ela; é ótima.**

- Sim, e daí como foi? Como ela é? O que aconteceu? Marieta cravou-lhe de perguntas...

- Um espetáculo. Adivinhou tudo com muita precisão. Tudo que me falou está se confirmando. Inclusive estou com uma paquera meio em vista. Foi um trabalho que ela fez e se não der certo em sete dias me devolverá o dinheiro. Vale a pena, ela é muito boa mesmo.

Despediram-se e Marieta saiu dali com uma nova chama que se reacendeu em seu coração. Novos conflitos, novas indecisões tomaram conta de seu cérebro pequenino.

Naquela manhã fui ter com Antonio mais cedo do que de costume, também estava apreensivo com o que havia sucedido na noite anterior. Havia um certo remorso em meu peito que me impelia até à casa do meu primo.

Chegando fui logo colocado a par sobre o procedimento do menino, o que por si só já configurava o charlatanismo da vidente. Pessoas inescrupulosas como esta não deviam andar por aí fazendo premonições sem nenhuma confiabilidade, induzindo os menos avisados a cometerem desatinos. Estávamos realmente preocupados com a nossa menina.

Não demorou nada e Marieta passava pela sala com as mãos cheias de pacotes de compras que fizera no mercado. Passou por nós sem mesmo notar as nossas presenças. Entreolhamo-nos surpresos ao vermos o seu semblante sereno. Nem parecia a mesma

que na noite anterior se mostrava apreensiva e nervosa. Algo havia acontecido a ela, pensamos em voz alta. Resolvemos, contudo deixar como as coisas estavam, não queríamos correr o risco de reavivar em sua memória os fatos.

Assim que Marieta dispôs as compras nos devidos lugares, subiu até seu quarto para tomar um banho e trocar de roupas. Estava radiante e muito feliz.

Sob o jato da ducha forte e quente, Marieta deixava-se divagar sobre a conversa que tivera com a amiga no mercado. - “Ela é ótima... ótima... Vale a pena, vale à pena...!” Palavras que reverberavam pelas paredes e incutiam-se no cérebro pequenino e delicado de menina adolescente.

- E se eu fosse até lá? Dizia baixinho para si mesma, enquanto se enxugava daquele banho reparador. Correu até a sua bolsa para verificar se ainda tinha o folhetim com o endereço. Realmente era tentador, Como poderia esta senhora mandar-me um recado especial por um mensageiro, sem mesmo me conhecer? Então era por que havia mesmo uma mensagem para mim. Mas o que poderia ser? Um noivo? A sorte grande, uma fortuna? Pensava.

Naquele momento havia decidido ir procurar a vidente. Não tinha nada a perder, apenas consultá-la, ouvi-la na sua sabedoria e perguntar-lhe algumas curiosidades que martelavam em sua mente de menina. Afinal, que mal poderia haver nisso?

Desceu a escadaria saltitando pelos degraus, atravessou a saguão transparecendo uma euforia nada comum com a sua personalidade. Novamente não viu seu irmão e primo que conversavam na sala contígua. Bateu a porta como nunca fizera e saiu apressada.

Antonio comentou com um sorriso nos lábios que não se pode dar excessiva atenção aos gestos de uma adolescente. Há momentos que estão bem e noutros vociferam toda a sua inconstância; com o que concordei assentindo com a cabeça e esboçando um pequeno sorriso.

Marieta vagava pelas ruas da cercania procurando o tal endereço. Estava firme no propósito de se encontrar com a vidente. Em pouco tempo achava-se na frente do prédio conforme o endereço do folhetim, seu coração batia fortemente dentro do peito, sua respiração sufocava. Passou por um momento de indecisão e arrependimento. Não sabia se ia em frente nos seus propósitos ou desistia e voltaria para casa. Sua personalidade era muito forte, preferia se arrepender de ter ido, a se arrepender de não ter ido. Assim, foi em frente.

Subiu lentamente os lances da escada íngreme, e posteriormente andou por um corredor estreito e escuro. Algumas vezes sentia medo e um arrepio lhe corria pela espinha; mas agora não podia desistir, já estava diante da porta e prestes a bater. Resolveu antes dar uma olhada no folhetim para se certificar de que o número do apartamento era aquele. Bateu suavemente à porta. Não demorou e foi atendida pela assistente de Mãe Marajoara, que a conduziu até uma saleta onde aguardaria o atendimento.

Ainda meio assustada, enquanto esperava pela vidente, Marieta olhava ao seu redor aqueles móveis antigos e sobre os quais imensas velas coloridas moviam as chamas lutuosamente, incensos a queimar exalando um cheiro característico que impregnava todo o ambiente. Pouca luminosidade mantinha o ambiente na penumbra. Na parede um quadro a óleo retratava um preto velho de cabelos brancos fumando um cachimbo. Sentiu um arrepio na nuca que parecia eriçar seus cabelos. Aquele minutinho solicitado pela atendente parecia agora, uma eternidade. Onde será que estava Mãe Marajoara que não vinha atendê-la, pensava baixinho e quase desistindo da consulta.

Uma senhora gorda e de cor negra, toda vestida de branco da cabeça aos pés, entrou sorridente e interrompeu as divagações de Marieta. Dirigindo-se e sentando-se atrás de sua mesa de trabalho, onde sobre ela se encontravam diversos aparatos de previsões. Ao lado esquerdo da mesa redonda e sob uma toalha branca de rendas, um pouco puída, achava-se um jogo de cartas de baralho, sujo e gasto. Do lado esquerdo, um copo de água pela metade, coberto com um guardanapo branco, e ao seu lado, um terço com contas pretas; pedras de búzios e cartas de tarô completavam o seu arsenal de trabalho.

Simpática e sempre muito sorridente, Mãe Marajoara foi logo falando com voz atrapalhada como se estivesse possuída naquele momento por um ser de outro mundo:

- Então? A menina veio até aqui pra saber de algumas coisas que lhe afligem, não é, pois?

- Sim, a senhora me mandou um recado... Eu queria...

- Pois então não fale nada. Aqui quem fala sou eu, a menina só escuta.

Marieta, nestas alturas dos acontecimentos, mais controlada e segura de si, deixou os nervos de lado e passou a ouvir a vidente, palavra por palavra, não queria perder nenhuma delas.

- A menina quer encontrar um moço, alto forte e bem falante, com educação européia para seu esposo, não é mesmo?

- Sim, respondeu maravilhada com um brilho nos olhos. Quase não podia acreditar naquilo que estava ouvindo. Sua amiga estava certa, ela é o máximo.

Mãe Marajoara, agora séria, com feições tensas, arranjou sobre a mesa no sentido vertical, algumas cartas de baralho, e sobre elas respingava com a mão molhada, gotículas da água que estava no copo ao lado. De quando em quando olhava para a menina que estava a sua frente com os olhos arregalados, espantada com as observações que ouvia.

- Fale, Mãe Marajoara, diga logo o que está vendo... Perguntava afoita a consulente, que quase não se continha de tanta curiosidade, ímpeto natural da idade.

- Calma filha! Calma! Ainda não sei ao certo. Deixe-me concentrar melhor... Agora sim...Já posso escutar vozes do além...

Com as cartas de tarô em ambas as mãos que as baralhavam firmemente, como quem procura misturá-las bem; soltando-as em seguida sobre as outras cartas que estavam enfileiradas na mesa e respingadas pela água pulverizada, pode ler as mensagens das vozes cósmicas ou telúricas. Com um suspiro profundo e com os braços erguidos reverenciando o céu, como num passe de mágica voltava, neste momento, do transe em que se encontrava. Falou com voz rouca e anasalada:

- Vá minha querida, vá com Deus. O homem com quem você tanto sonhou, te espera... Vão se casar e serão muito felizes.

Marieta quase não se continha de tanta felicidade. Era o seu sonho que estava para acontecer. Não sabia se ria ou se chorava, tamanha a emoção que dela se apoderou. Tomou as mãos da vidente e nela depositou o dobro do valor que se achava escrito numa tabuleta ao lado da mesa da “Mãe Santa” que, agradecida e com um sorriso muito aberto, deixou transparecer que em sua boca faltava uma longa fileira de dentes.

Saindo dali, foi diretamente para casa. Queria contar tudo para o irmão, demonstrar toda a sua felicidade e principalmente estar bem bonita, em trajes novos para esperar a chegada de seu amado. Teria que estar sempre pronta, sempre linda, afinal, ele poderia chegar a qualquer momento e não poderia vê-la desleixada.

Contou toda a história para o irmão que a ouviu calado sem nenhum riso, por respeito ao sentimento da

menina. Jamais incorreria outra vez naquele erro, zombando da crença que a mantinha feliz.

Muito embora nem eu nem o Antonio tivéssemos dado crédito as palavras da vidente, nada falamos que pudesse magoá-la ou dissuadi-la de perseguir o seu sonho de encontrar um príncipe encantado. Mas aquilo parecia impossível de acontecer. Mãe Marajoara, pessoa espertalhona e com muita vivência, notou logo, sabia antecipadamente que a ansiedade de uma garota adolescente é sempre a mesma, portanto ficando muito fácil aconselhar, era só dizer o que ela queria mesmo ouvir, aliás, o que todas querem escutar, concluimos após uma longa conversa.

O tempo passou e nada aconteceu durante os sete dias prometidos no folhetim. Revoltada, Marieta resolveu procurar a vidente para pegar o seu dinheiro de volta, afinal, tinha direito a isso, pois assim dizia o panfleto.

Defronte ao prédio notou que a placa de Mãe Marajoara não estava mais no lugar, havia sido retirada. Desconfiada, mesmo assim resolveu subir a escadaria e bater na porta. Após alguns segundos abriu-se lentamente, e lá estava um jovem recém chegado da Europa onde havia concluído seus estudos. Fino trato, alto e elegante como havia sonhado o tempo todo. Era o dono do prédio. Apaixonaram-se a primeira vista.

A vidente foi prestar seus serviços em outro canto em outra cidade. Suas predições se confirmaram em exatamente sete dias, portanto não havia como pedir seu dinheiro de volta.

Antonio quase não podia acreditar, e sempre ficará a dúvida sobre se aquilo foi mesmo obra do acaso ou da vidente, nisso tudo havia uma só certeza: Eu fui o padrinho do casório.

O BERRO DO BURRO

Durante toda a madrugada caiu uma chuva fina que se misturava com a neblina conferindo à atmosfera uma umidade fria que a tudo envolvia. Isso era mais ou menos comum ao pé da Serra do Mar onde Jeremias tinha um pequeno sítio, no qual cultivava bananas para industrializá-la artesanalmente, transformando-a em vários tipos de doce caseiros.

O dia amanheceu esplendoroso com o sol radiando a pique e esquentando a natureza, ainda respingada pelo chuveiro da madrugada. O calor enxugava as folhas verdes do bananal, deixando-as secas e reluzentes, balançando soltas pelo vento morno. Da terra aquecida emergia um cheiro característico que adentrava à casa de sapé.

No galinheiro, as galinhas ciscavam procurando seus petiscos no chão ainda molhado; no curral, uma vaca mugia; no celeiro, um animal de estimação - *o burro* do Jeremias, conhecido como “*burriquelo*”, dado a sua estatura pequena.

Assim era o amanhecer no recanto da família, onde todos trabalhavam unidos para defender o sustento, não só o deles, mas também a do burro que lhe servia para carregar seus doces até as vendas das proximidades.

Jeremias levantava sempre cedo e a primeira coisa que fazia era ir ter com o seu burrico no celeiro, lá ficavam horas conversando enquanto carregava os cestos com as mercadorias. Ao entrar no estábulo, Jeremias ia logo dizendo:

- Bom dia, burriquelo! Como amanheceu hoje? Sempre o chamava pelo nome. Parecia que ambos se entendiam, pelo menos às vezes.

E o burro respondia com um aceno de cabeça, dizendo que estava tudo bem. Pelo menos era assim que enxergava as coisas o seu dedicado dono.

- Hoje vamos entregar nossas encomendas, temos muito a fazer. Não podemos perder tempo. Portanto, nem pensar em empacar, está bem? Perguntou enquanto carregava o lombo com uma carga pesada.

Burriquelo já incomodado com tanta carga que teria que carregar em seu lombo botou a boca no trombone, relinchou mostrando os dentes e saindo para os lados, numa tentativa de dizer ao seu dono que o peso estava demais. Mas Jeremias não prestava atenção e continuava pondo em cima do animal mais e mais coisas. Provavelmente teriam problemas durante o trajeto, que era íngreme em certos trechos; isso sem contar que na volta já estariam cansados. Nestas circunstâncias, Jeremias subia-lhe no cangote e voltava folgadoamente. Quem se danava todo era o pobre do bicho. Mas desta vez seria diferente, pensava o burro, que já estava ficando velho e um pouco acomodado. Não estava mais para fazer força desnecessária.

Jeremias continuava carregando seus doces, conversando e agradando o animal, não percebia que havia ali uma sobrecarga. Pedia-lhe uma vez mais que

não empacasse, pois a mercadoria era preciosa e o dinheiro defenderia inclusive a alimentação do próprio Burriquelo. Dizia baixinho no seu ouvido.

De repente, o animal sentindo que não suportaria tamanho fardo, berrou... Berrou até não querer mais... Em seguida desferiu um tremendo coice na barriga do Jeremias que então zurrou... Zurrou até não querer mais. O burro fez o que achou melhor para conter o ímpeto de seu dono, já que estava proibido de empacar.

Foi uma cena onomatopéica. Burriquelo para se fazer compreender que o peso estava excessivo, procurou imitar o berro de Jeremias. Jeremias para se fazer entender que o coice doeu, zurrou. Ambos se entenderam. A carga foi aliviada para a felicidade do burro.

QUANDO O CONTO CONTA...

Numa certa ocasião indo a São Paulo tratar de assuntos da minha empresa, assim que embarquei no avião sentaram-se a meu lado dois rapazes. Desta maneira, estando eu ao lado da janela, e os outros dois, um no meio e o outro na ponta que dava para o corredor, podia ouvi-los em tudo que falavam. Aliás, não só falavam como riam das piadas que contavam.

Na grande maioria das vezes suas histórias versavam sobre turcos e judeus. Cada vez que terminavam de contá-las riam a ponto de seus olhos verterem lágrimas. Passada as crises de euforia, começavam tudo novamente. Novas piadas e novas gargalhadas. Assim foi até que toda a tripulação já estava atenta para ouvir suas anedotas que ficavam cada vez mais interessantes.

Eu, bem ali ao lado deles, também não podia deixar de escutar, até que o rapaz que estava do meu lado virou-se para mim perguntando:

- Oi tio, estamos incomodando?
- Não, não estão! Respondi.
- Ainda bem! Disse olhando para o seu companheiro e rindo.
- Ainda bem! Porquê? Indaguei mais que depressa.
- Ainda bem que o tio não é judeu...
- Não, não sou judeu, mas sou turco. Disse-lhe com ares de poucas graças. Observei que o sangue fervilhou em suas bochechas. O menino ficou meio desconcertado e esboçou uma tentativa de pedir-me desculpas. Olhava para o seu companheiro e fazia

contorções no banco como quem procura um outro jeito para sentar, dissimulava, procurava uma outra posição mais confortável.

Notei de imediato o desconforto pelo qual passava o meu interlocutor e tratei logo de desfazer o mal entendido que havia acontecido. Procurei então descontraí-lo:

- **Apesar de ser turco, gosto destas piadas que vocês contam, elas ajudam a passar o tempo e promovem um relaxamento em nosso sistema nervoso. Continuem contando, quero ouvi-las.**

O rapazote se entusiasmou e logo se enturmou outra vez, voltando-se para mim, perguntou:

- **Conhece aquela do turco... Cutucou-me com o cotovelo.**

E começou a contar a piada do turco que procurou um padre para se confessar, porque há alguns dias atrás tinha achado uma carteira de couro com muito dinheiro e alguns documentos, mas que a tinha devolvido a seu dono. Queria penitenciar-se. O padre disse então que não tinha cometido nenhum pecado. Antes pelo contrário, devolvê-la foi até um ato nobre. Mas então, movido ainda pelo remorso, confessou que tinha ficado com o dinheiro, devolvendo-a só com os documentos. Neste caso, filho, seu pecado não é muito pequeno, reze cinco Ave Maria e dez Pai Nosso. Vá com Deus, disse o pároco, que seu pecado estará expiado. Antes de sair, porém, o turco meio sem

jeito, perguntou se estaria livre de seu pecado mesmo que a carteira “achada” fosse de seu pai.

Rimos bastante. Pensei em contar uma do Judeu, mas... Bem deixe prá lá, o avião já está aterrissando.

CONTO DA MEIA NOITE

A casa estava afastada do centro da cidade apenas dez minutos para quem vai de carro. Na frente, enormes portões de ferro forjado todo trabalhado se encarregavam de limitar a entrada e saída das pessoas que por ali passavam. Nas laterais, um gradio igualmente de ferro fundido delimitava toda a extensão do terreno, cuja área era imensa.

Um jardim composto de inúmeras variedades de plantas, na sua maioria exóticas, compunha um cenário um pouco estranho e estarrecedor para quem do lado de fora observava. As plantas mal podadas se entrelaçavam umas com as outras, formando um emaranhado quase que indissolúvel. Folhas secas caídas pelo chão se misturavam com a grama alta e não cuidada, demonstrando o estado de desleixo de seus proprietários com o aspecto daquela velha mansão.

Havia uma ruela que saía logo após o portão de entrada e ia até à frente do velho prédio, que se achava em lenta desintegração através dos anos. Enormes janelas, cujas venezianas pareciam que iriam se desprender da parede de uma hora para outra com o balançar dos ventos fortes, nas noites de longas e tenebrosas tempestades.

O interior do “castelo”, como era conhecido por todos na cidade, durante a noite toda só era iluminado por grandes castiçais de porcelanas, cujas velas forneciam uma parca claridade aos seus aposentos. Sombras se avultavam pelas paredes longevas e úmidas

projetadas pelas antigas peças do mobiliário, provocadas pela pouca luz que resplandecia no ambiente. Nas paredes velhos quadros retratavam seus moradores em poses sofisticadas e impetizadas, como só os bem antigos gostavam de posar com os seus familiares.

O casarão guardava todas as tradições de seus antepassados num empoeirado sótão, que abrigava no seu âmago os mais ínfimos segredos daquela família. E não eram poucos, conforme os ditos que corriam de boca em boca das pessoas da cidade. Hoje, não havia um só vivente que não tivesse medo até de passar na sua frente, dado às histórias que dele falavam.

Naquela noite de inverno de 1.830, estavam reunidos na sala, como sempre faziam após o jantar, em volta da lareira que queimava em brasa troncos de árvores, gerando calor para aquecer o ambiente, seus primeiros proprietários, detentores de títulos de nobreza, como Condes, Viscondes, entre tantos outros. Ali eles estavam bebericando um delicioso licor importado da França, a “família dos Carpelos”.

Magnatas, donos de muitas propriedades na localidade, possuíam negócios de produtos extrativos, como canela, cravo entre tantos outros, distribuindo-os pela Europa toda, era uma família próspera, porém, guardavam a sete chaves um segredo.

Enquanto as labaredas do fogo aceso na lareira tremelicavam naquela noite, ouviu-se repentinamente um clamor aterrorizante de mulher que se misturava ao badalar da meia noite do antigo carrilhão. Aquele grito vinha de algum lugar daquela enorme mansão. Todos ficaram arrepiados e extasiados por alguns

instantes, quando começou um corre-corre desvairado por entre os aposentos procurando identificar de quem era aquele berro horripilante e de onde ele vinha.

Não tardou, e por entre as frestas do assoalho de tábuas, gotejava um sangue vermelho e semicoagulado vindo do sótão. Pingava intermitente, gota-à-gota sobre um tapete igualmente vermelho que se achava estendido no piso da sala. Todos correram para lá atônitos e desesperados. Arrombaram a porta e se depararam com o corpo ainda pulsante que se contorcia ao jorrar abundante do sangue pela garganta cortada. Era a filha mais velha do Sr. Carpelo. Ninguém, até hoje, sabe contar ao certo a causa de tanto desatino. Muitas histórias foram inventadas através dos anos. A que mais se aproximava da provável causa, dizia que a moça era debilóide e por esta razão vivia confinada naquele sótão sombrio, isolada de todos pelos seus pais, por vergonha de expor o nome da família tradicional à tão bisonha doença. Isso era muito comum naquela época onde os recursos da medicina ainda precários não possibilitavam nenhuma espécie de cura para estes tipos de casos.

Muitas gerações da família passaram pela velha mansão, que aos poucos foi se decompondo até o estado de abandono que se achava. Daí, que as lendas e os mistérios se proliferavam em torno do velho prédio, um pouco pelo seu aspecto descuidado, mas em grande parte gerava medo pela morte cruel que teve a filha do Sr. Carpelo, degolada a meia noite. Não se sabe se foi suicídio ou assassinato. A dúvida ainda permanece.

Ainda hoje lá está morando um casal de velhinhos, última geração da família, que contam com

voz tremulante sobre o caso que indignou muita gente na época. Dizem eles que o sótão nunca mais foi visitado por ninguém. Nunca alguém ousou por os pés lá, mas que Ana Carpelô ainda perambula por entre as velharias guardadas e empoeiradas como se estivesse viva. Vez por outra arrasta seus móveis e cujo barulho se faz ouvir ecoando por todo o casarão, e que exatamente a meia noite do dia do aniversário de sua morte, o seu sangue goteja por entre as frestas das tábuas de madeira como que avisando a todos de sua eterna existência. O gotejar da vida se confunde com a morte, se mistura com o badalar do relógio e com o passar do tempo que insiste em não parar.

TRISTE REENCONTRO

Na frente, portões enormes guardam e dão proteção ao silêncio absoluto. Pelas laterais, muros altos delimitam adequadamente o espaço reservado ao descanso eterno. No interior, cruzeiros enfileirados demarcam a individualidade de cada sepultura na sua mais significativa profundidade.

Um cheiro fétido emergia do solo e impregnava todo o ar provocando uma intensa nostalgia, que contagiava e apertava o seu peito amargurado.

Um vento suave soprava e tocava-lhe a face entristecida, e balançava lutuamente as chamas das velas acesas; símbolo místico criado pelos vivos como forma de redenção àquilo que deixamos de fazer enquanto podíamos. Remorso, talvez fosse a palavra mais adequada.

Já há algum tempo ele estava ali parado, com olhos reluzentes a meditar sobre as incompreensões da vida, nas loucuras do mundo, e nas atitudes insanas dos mortais. Era o arrependimento que lhe tomava o cérebro.

Assim, de repente, ouviu um gemido sufocado, reprimido, de alguém que denotava um profundo sentimento, uma angústia. Vinha de um canto e chamou-lhe a atenção. Aproximou-se cauteloso como quem está a espreitar alguém. Verificou que uma velhinha aos prantos soluçava lembranças do passado. Por alguns instantes ficou imóvel a contemplá-la em

suas preces fervorosas. Recurvada num ato sublime de reverência, humildade e amor, ela chorava profusas lágrimas, enquanto balbuciava a sua reza de fé.

Devagarinho ele foi se aproximando dela na tentativa de oferecer ajuda, amparo, proporcionar um pouco de conforto e quem sabe procurar amenizar tanto sofrimento que lhe pareceu puro, sincero e profundo; aquela cena tocara-lhe o âmago fazendo-o pensar: “Quando o passar do tempo se reflete em nossos cabelos brancos, nas rugas de nossa pele, na posição ereta; esses são os sinais dos tempos que marcam nossa existência. É hora de reconhecermos nossos erros”.

Naquele momento de reflexões tão íntimas, ele voltava o pensamento a sua querida mãe, a quem abandonara tempos atrás num gesto covarde e repugnante. Estava arrependido.

Assim, movido pelo remorso, sempre ia àquele local que lhe sugeria um pouco de paz e lhe dava tranquilidade amenizando o seu pesar. Aquele ambiente possibilitava a ele extravasar seus pensamentos, enquanto oferecia seus rogos a sua mãe que possivelmente já estivesse morta.

Os soluços e gemidos da anciã, num dado momento, se sobrepuseram aos seus pensamentos e interromperam a sua introspecção. Aproximou-se então vagarosamente, e dirigindo-lhe a palavra de forma meiga e comovida:

- A senhora está bem? Perguntou timidamente.

- Sim! Respondeu entre um soluço e outro, sem se voltar a seu interlocutor, no entanto.

- A senhora está precisando de alguma ajuda?

- Não senhor! Balbuciou com desconsolo.

- Então porque chora tanto assim? Perguntou por que estava diante de uma cova comum, sem identificações que lhe permitisse concluir por quem chorava e suplicava.

- O senhor também choraria se tivesse perdido um filho querido. Respondeu com a voz fraca e muito sofrida.

- Desculpe... ! Eu só queria ajudá-la. Conte-me como aconteceu... Insistiu.

- Não sei ao certo! Há muito tempo... Saiu de casa para trabalhar e nunca mais voltou... Contaram-me depois que havia sido morto. Tenho sofrido tanto. Todos os dias eu venho aqui para invocar por ele. Pedir a Deus que o tenha. Sofro muito a sua falta...

A velhinha cobria o rosto com um véu negro que lhe conferia um ar angelical. Falava mantendo-se imóvel na sua posição de fé.

- E o senhor, o que está fazendo aqui? Indagou enquanto enxugava as lágrimas que molhavam o seu rosto.

- Também venho render tributos a minha querida mãe. Respondeu cabisbaixo e envergonhado pelo ato covarde e inconseqüente que

havia cometido. Abandonara a mãe justamente no momento que ela mais precisava dele, deixando-a sozinha e entrega à sorte.

- **E como foi que aconteceu?**
Perguntou.

- **Não sei ao certo! Falou com profunda amargura no peito. Há muito tempo eu a abandonei. Saí a procura de uma vida melhor deixando-a sozinha...**

Ao ouvir aquelas palavras, a anciã ficou por alguns instantes paralisada. Alguma coisa estranha havia tocado o seu coração naquele momento. Aos poucos foi se voltando para ele, devagarinho, com lentidão e dificuldades próprias da idade. Com a ajuda dele que estendeu a mão propiciando maior firmeza, ambos ficaram frente a frente. Fixaram-se os olhares demoradamente como quem procura o reconhecimento mútuo, afinal tantos anos se passaram.

As expressões de espanto, num misto de dor e lágrimas eram uma constante naquele momento de tanta ternura. Abraçaram-se com todo amor do mundo para em seguida, após reconhecê-lo, exclamar:

- **Meu filho, eu te perdôo! ...**

Foi uma cena inigualável de amor e resignação, uma demonstração de puro sentimento de mãe e arrependimento sincero de filho. A emoção foi tamanha que o coração de ambos não suportou. Abraçados sucumbiram com a felicidade estampada em suas faces. No firmamento uma nova luz brilhou para a eternidade.

NOITE DE LUA CHEIA

Na fazenda reinava um clima de muita alegria naquele dia ensolarado de tarde de verão. O sol mansamente se punha atrás da montanha que ficava a pouca distância do sequeiro e do curral, onde ficavam os cavalos e as vacas. O galinheiro situava-se no lado oposto, muito bem cercado e mantinha as galinhas poedeiras confinadas até que pusessem seus ovos. Outros animais como patos e gansos ficavam soltos e livres nadando no lago de águas mansas. Deslizavam suavemente num clima de muita paz.

As crianças brincavam no quintal correndo soltas numa algazarra simplesmente infernal. Liberavam toda a sua energia demonstrando muita saúde e vontade de viver.

Sempre que a tarde ia chegando, José e Maria, proprietários daquelas paragens, tomavam seus lugares na linda varanda cheia de vasos com samambaias pendentes do forro, através de pequenas correntes que as mantinham suspensas, dando um toque todo especial na decoração. Ali ficavam por horas em suas cadeiras de balanço apreciando as brincadeiras das crianças. Enquanto Maria tricotava ou bordava, seu José pitava em longas baforadas o seu cigarro de palha.

À medida que a tarde ia avançando o céu tornava-se cada vez mais escuro; pontos brilhantes

cintilavam no infinito distante; e por detrás da montanha surgia devagarinho a lua com sua luminosidade clara, prateava e envolvia tudo ao redor. Era noite de lua cheia.

Todos se recolheram para o descanso. A noite já ia alta e lá fora o luar continuava maravilhoso e inigualável, banhando toda a vegetação, que assumia uma paisagem simplesmente esplendorosa pelo reflexo dos raios nas águas límpidas do lago.

Meia noite. O silêncio foi quebrado pela uivada ensurdecadora e enervantes dos cães, cujas vozes lamentosas imitavam os lobos, insistiam no seu grito prolongado e agonizante. Ladravam, ganiam de maneira desesperada. Os outros animais se punham inquietos demonstrando um total desassossego; as vacas mugiam; os cavalos relinchavam amedrontados. Um barulho estranho provocava aquela reação nos animais.

Seu José levantou-se assustado com a espingarda na mão, procurava saber o que estava acontecendo lá fora; e enquanto isso, Maria tratava de acalmar as crianças que estavam visivelmente apavoradas. Nada foi visto. No restante da noite seguiu-se tranqüila embora ninguém mais pudesse conciliar o sono.

Pensativo, seu José questionava-se sobre o que poderia ter acontecido; morava na fazenda há trinta anos e nunca tinha visto ou escutado nada igual. Isso não poderia estar acontecendo, não agora que seus netos passavam as férias com ele. Tudo havia de estar bem, as crianças não podiam ficar assustadas, pois

atrapalharia as suas férias, o que pensariam seus pais quando viessem buscá-los, pensava preocupado.

Logo cedo levantaram e reunidos à mesa do café matinal, comentavam sobre o ocorrido ainda com resquícios de medo e sinalizando a noite mal dormida em suas faces. Foi quando notaram que o menino mais velho que contava com apenas onze anos ainda estava deitado. Preocupada Maria foi até seu quarto procurando averiguar se estava bem. Marcos achava-se encolhido sob seu lençol com os olhos arregalados e ainda um tanto amedrontado. Sua avó o aconchegou em seus braços acariciando sua cabecinha de menino assustado até que, se recuperando, levantou e foi ter com os demais à mesa do café.

Durante o dia o clima na fazenda era normal, os animais estavam sossegados e as crianças brincavam como sempre, exceção de Marcos que continuava apreensivo e divagando num canto. Até certo ponto aquilo era normal numa criança atemorizada, e por ser o mais velho, tinha mais consciência das coisas que se passaram na noite anterior, só quem conhece o perigo tem medo, mas mesmo assim, não deixava de ser criança, pensava o seu avô, inspirando-lhe maior cuidado.

Quando a noite foi se aproximando, todos se recolheram mais cedo, trancaram bem as portas procurando maior segurança, caso aqueles barulhos estranhos voltassem a acontecer.

A noite avançou depressa, a lua, redonda e brilhante, com seus raios luminosos não tardou a aparecer nas montanhas, embelezando e clareando a tudo que envolvia. O lago assumia um aspecto

prateado e deixava refletir parte das árvores e outras vegetações circundantes, como se fosse um grande espelho de cristal polido.

Meia noite, o silêncio foi quebrado de maneira repentina, outra vez os animais se agitaram. Ouvia-se um grunhido ensurdecador que agitava os cães. Parecia que o barulho vinha de dentro da própria casa. Seu José levantou-se com a espingarda na mão, indo diretamente para o quarto das crianças, pareceu-lhe que havia qualquer coisa lá, pois as crianças gritavam desesperadamente por socorro.

Assim que abriu a porta do quarto notou que a janela estava aberta, e por ela uma criatura de estatura mediana fugia. Era um monstro meio homem meio animal, possuía uma cabeça grande e peluda, mãos compridas tinham unhas pontiagudas como a de um felino. Era algo jamais visto. Inacreditável.

Seu José foi até a janela e viu a criatura correndo em direção ao lago. Ainda da janela do quarto apontou sua arma e disparou um tiro certeiro. O corpo rolou pelo gramado e permaneceu inerte, deixando escorrer o sangue que se esvaía fervilhando pelo buraco perfurado pela bala.

Todos apressadamente foram até o lago. Quando lá chegaram viram o que jamais queriam ter visto. Estirado ao chão estava sem vida o seu neto, o menino Marcos, que ainda tremia o corpo agonizante.

A lua no alto do céu azul, começava agora a ficar encoberta por nuvens negras que ofuscavam a claridade e o brilho que lhe conferia tanta beleza. Dali a algumas horas um novo dia iria começar.

O HERDEIRO DO DIABO

Se bem me lembro, e salvo melhor juízo, nossa história se passou na Inglaterra nos idos tempos de 1.850. Época prodigiosa e farta para alguns herdeiros abonados e irresponsáveis de dinastias anteriores.

Sir Hamilton um baronete arquimilionário que gostava de levar uma vida faustosa em seu palácio nos arredores de Londres; sempre rodeado por lindas mulheres, promovia pomposas festas extravagantes. Baile das Máscaras, Festas Satânicas, Festas para Baco, entre outras não menores e nem menos abundantes.

A suntuosidade de seu palácio chegava às raiais de possuir vitrais nas janelas do mais puro cristal importado da França; isso sem contar com os candelabros à vela de pura porcelana chinesa, que pendiam do teto por grossas correntes. Salões enormes e exuberantes com afrescos dos mais renomados artistas da época nas paredes e no teto formavam um conjunto de muito bom gosto. No chão, tapetes persas de variadas cores completavam a harmonia do conjunto. Móveis treliçados e entalhados à mão por artesão no estilo Luiz XV, possivelmente.

Verdadeiras esbórrias aconteciam, quase que diariamente, naquele palácio de muitos pecados. Seus convidados eram sempre os mesmos e geralmente figuras ilustres da sociedade londrina. Limitava-se a acompanhar de longe os bacanais dos presentes. Assim, dessa maneira, Sir Hamilton entediava-se com a mesmice e se entregava ao vinho italiano que armazenava em sua adega. Bebericava um gole atrás

do outro até cair por inanição pelo efeito maléfico do álcool que lhe pegava por completo.

O comentário junto à criadagem que servia no castelo era a de que Sir Hamilton estava ficando velho e por certo não resistiria naquela vida. O tempo estava começando a ficar implacável com ele e apesar de todo o seu dinheiro, não haveria como controlar ou mesmo retardar o processo de senilidade que dele se apoderava rapidamente.

Albert, seu mordomo e amigo pessoal há vários anos, já há algum tempo vinha notando o estado de decrepitude física e mental de Sir Hamilton, e preocupado, tentava em vão aconselhá-lo. Quanto mais falava, mais parecia não lhe dar ouvidos.

Naquela noite uma grande festa foi anunciada, seria um baile satânico, onde os convidados deveriam vestir fantasias mefistofélicas. Quanto mais aterradoras e inventivas fossem, mais agradaria ao anfitrião, que prometia uma grande importância em dinheiro àquela que fosse mais votada por originalidade.

Todos os convidados foram chegando com as mais variadas fantasias, algumas possuíam até um bom gosto, mas outras, denotavam a falta de criatividade desagradando desde logo o dono da casa, que já não achava graça em mais nada.

Quando o badalar das horas anunciadas pelo antigo carrilhão soava sonolento, era meia noite, à porta do castelo parou uma carruagem de seis cavalos. Atrelados e enfeitados em seus lombos com mantos vermelhos e apliques dourados. A porta se abriu

lentamente descendo então de seu interior a mais perfeita fantasia de diabo. Não foi reconhecido como convidado. Era um estranho cavalheiro, elegante e muito polido. Foi ter diretamente com Sir Hamilton, que já se encontrava cambaleante pelo excesso da bebida do deus Baco.

Apresentou-se como sendo o próprio diabo, original e em carne e osso. Foi eleito o melhor da noite. A festa acabou e todos foram embora, menos ele.

Sir Hamilton ficou fascinado com aquele elegante cavalheiro que se dizia o próprio satã, ofereceu-lhe pousada por aquela noite em seu castelo, e conversaram até quase o dia clarear.

Nosso lorde confessou-lhe estar cansado daquilo tudo, da faustosidade que levava e de seus amigos, achava-se exaurido em suas forças e planejava parar se seu ânimo não melhorasse. Lamentava-se pelo tempo que passou depressa. Foi quando recebeu a proposta de retroagir cinqüenta anos na sua vida, onde voltaria a ter disposição para farras, mulheres e festas. Rejuvenesceria por mais cinqüenta anos. Mas em troca, transcorrido esse prazo, morreria e sua alma seria entregue a ele indo diretamente para o inferno, onde seria uma espécie de assessor do diabo para toda a eternidade. A proposta foi imediatamente aceita sem uma análise mais profunda de suas conseqüências. Mas se o acordo fosse quebrado voltaria a ser velho e sofreria anos e anos no leito de morte. Sua fortuna desapareceria. Sua morte seria na mais absoluta miséria, antes, porém, passaria por diversas provações e humilhações.

Assim tudo começou novamente. O tempo foi passando e as pessoas mais novas de seu convívio envelheciam e morriam e ele estava cada vez mais novo. Casou-se e seus filhos nasceram, cresceram e morreram de velho e ele continuava sempre jovem e saudável. Sentia-se só, sem amigos, pois ao longo desses anos todos foi perdendo um a um. Agora, solitário e abandonado, mais ninguém o procurava. Sua fama de pactuar com Lúcifer se espalhou e atravessou fronteira. Não adiantava mais promover festas, os convidados não compareceriam. Então, de que lhe adiantaria a juventude se não tivesse ninguém para compartilhá-la? Indagava-se laconicamente.

Vez por outra o diabo vinha visitá-lo, quando ainda promovia as famosas festas, para lembrá-lo que não podia fraquejar, quebrar o acordo feito sob pena de punição conforme acordo entre ambos.

Ao se aproximar do tempo estipulado, Sir Hamilton olhava-se no espelho e não via refletida a sua própria imagem, mas sim, a do satanás que começava a chamá-lo para queimar nas profundezas abissais do inferno para todo o sempre. Desesperado com a transformação correu até o seu quarto, pegou a pistola e atirou sobre o seu peito. Uma metamorfose se deu naquele momento. Seu corpo esvaiu-se em fumaça negra que cheirava a enxofre, assumindo posteriormente uma figura satânica, agora estirado no chão. Deixou o castelo indo morar nas trevas onde queimaria pela eternidade afora. Com certeza voltaria dentro de algum tempo, e em outras festividades maquiavélicas, mesmo sem ser convidado, faria um novo discípulo. Era a renovação natural da espécie, pois ao que parece, nem o diabo é imortal.

O RETRATO DE CARMEM

Estamos no ano de 1.810. Véspera de Natal. Os preparativos para a ceia tomavam quase todo o tempo das cozinheiras que, naquele vai-e-vem incessante, faziam deliciosas comidas, verdadeiros pitéus para agradar a seus senhorios e convidados. A noite haveria uma grande festa.

Don Armando e sua esposa Carmem não demorariam a chegar de Paris, onde foram fazer as compras de fim de ano, como sempre faziam nesta ocasião. Ao chegarem gostavam que tudo estivesse em seus lugares para bem receber suas visitas, na maioria pessoas ilustres da sociedade da época.

Tantas compras foram feitas que o volume de baús ocuparam dois tálburis, que os levaram até sua residência. Os cavalos a eles atrelados tilintavam seus cascos nas vielas calçadas com paralelepípedos, forçando o passo para romper a inércia e arrastar todo aquele peso.

Madame Carmem era conhecida pelas grandes ocasiões que proporcionava a seus convidados. Suas festividades eram inesquecíveis e se prolongavam madrugada adentro. Presenteava e era presenteada por muitos amigos e conhecidos. Presentes caríssimos recebia e igualmente os retribuía. Mas, naquela noite em especial, alguém desconhecido havia mandado um quadro em tamanho natural que lhe retratava por inteira aos trinta anos, e no auge de sua beleza. Era uma tela maravilhosa que fora recebida sem nenhum cartão; igualmente anônimo era o pintor, apenas no canto inferior esquerdo existia um “ S “ que

provavelmente fosse a inicial do nome do autor, além disso não havia mais nenhuma identificação.

Todos admiraram aquele retrato por parecer uma figura viva. Nos olhos havia um brilho tal qual era o brilho dos próprios olhos de Carmem. As cores bem equilibradas formavam no todo um conjunto harmonioso e agradável de se ver. Foi logo dependurado numa parede da sala de visitas, num lugar bem visível, ali permanecendo por muitos anos.

Madame Carmem era uma mulher muito linda, possuía traços de rosto incomum. Era admirada, imitada e invejada por outras de sua época. Sempre elegantemente vestida, chamava a atenção de todos que dela se aproximava pelo seu carisma, e também pela sua inigualável beleza. Mas o tempo, cruel até com as mais lindas e cuidadas mulheres, devagarinho se encarregou de deixar suas marcas no rosto de Carmem, que não se conformava com a velhice e nem tampouco com a morte que lhe parecia iminente. Passava horas em frente daquele retrato que lhe fora presenteado por um desconhecido. Comparava a sua beleza no estagio atual com àquela retratada pelas mãos hábeis de um artista, e tomava consciência que a vida já lhe tinha passado. Perdera o seu marido há pouco e não lhe restava muito tempo também. Meditava melancólica sobre a sua beleza, sobre suas festas e seus amigos de outrora, a quem os presenteava com muita alegria.

Madame Carmem, em seu leito de morte, fora visitada por uma pessoa desconhecida que insistia em vê-la. Era um homem alto vestido de preto, e em suas mãos segurava uma cartola e uma bengala.

Apresentou-se como sendo um emissário satânico e lhe revelaria o segredo do retrato. Fora pintado pelo Satanás que admirava de maneira obcecada a sua beleza e a conservaria por todo tempo pintada ali na tela, com vida latente e que se perpetuaria após a sua morte, reencarnando numa outra criança de outra geração da família. Aquela beleza havia de perdurar para todo o sempre através das gerações.

Agora estamos no ano de 2.000. Véspera de Natal. Exatamente cento e noventa anos após o recebimento do quadro enviado à Madame Carmem em 1.810, falecida com cem anos, em 1.880.

O quadro permanecia intacto e dependurado no mesmo lugar que madame Carmem o deixou e fora mantido pela família de geração em geração. Não havia sofrido nenhuma alteração pelo tempo, estava como no dia em que foi recebido. Continuava maravilhoso e mostrando o sorriso descontraído da mulher retratada. Havia vida dentro daquele quadro algum segredo que ninguém da família tinha ainda desvendado, ele abrigava no seu âmago um mistério.

Tantas gerações já se passaram e a menina Carmem, foi à escolhida para perenizar a beleza de sua antecessora. Nascida há quinze anos, tinha os mesmos traços de beleza que madame Carmem, era em tudo parecida com ela. Paraplégica de um acidente de automóvel recente, a menina Carmem estava muito doente. Sem poder andar, confinada no leito e no quarto, sua beleza ia aos poucos se esvaindo, sua vida aos poucos se consumindo.

Reunidos à mesa da ceia de Natal a família rezava agradecendo a Deus pela fartura. Foi quando uma das crianças notou que o quadro de Madame Carmem chorava lágrimas que vertiam de seus olhos e gotejavam molhando o chão. Todos ficaram perplexos diante de tamanho feito. No mesmo instante a governanta gritou lá do quarto por socorro, correram para lá e a menina Carmem jazia pálida e sem vida no leito. Sua vida tinha expirado. Seu tempo esgotado. Sua beleza apagada.

Na sala o quadro estava envelhecendo, passando por uma metamorfose onde a figura retratada de Madame Carmem já não apresentava o mesmo aspecto jovem de antes. Sua imagem aos poucos ia sendo convertida à senilidade conforme estava em seu leito de morte. Rugas salientes demonstravam a ação corrosiva do tempo. Cabelos brancos e escassos. Um brilho sem vida nos olhos.

A assinatura na tela que era apenas um “S” transformou-se lentamente, letra a letra por extenso em “Satanás”. A pintura devagarinho foi se apagando, desvanecendo por completo, suas cores foram ficando pálidas até que o branco do tecido predominou, apagando a imagem de Madame Carmem. No chão as lágrimas secaram sem deixar vestígio algum.

A morte da menina Carmem colocou fim a um mistério secular que a todos intrigou.

ENCONTRO NO LAGO AZUL

Eram cinco horas da tarde daquela Sexta-feira quando a sirene da escola anunciava o término das aulas. Todos se apressavam arrumando os livros em suas pastas e saíam pelos corredores do antigo prédio da Universidade.

Maria cursava o primeiro ano de medicina; havia prestado vestibular sendo agraciada com uma das vagas da escola pelo mérito de suas boas notas. Agora, terminada a aula, iria correndo para se encontrar com Mário, onde juntos tomariam o lanche da tarde numa pequena confeitaria que ficava a apenas duas quadras da escola. Mário era seu namorado e também estudava medicina, aluno do segundo ano. Enquanto lanchavam trocavam idéias sobre diversos assuntos das matérias estudadas.

O dia de ambos estava sempre tomado pelos afazeres escolares, ainda que tivessem todo o tempo exclusivamente para o estudo. O sonho deles estava voltado à medicina, e queriam ser grandes profissionais, reconhecidos por todos da cidade.

Sentados à mesa da lanchonete, descontraídos, riam das piadas dos professores, que freqüentemente utilizavam esse recurso para atrair a atenção dos alunos, como procedimento didático de dar aulas. Esta é uma forma muito usada pelos mestres do ensino superior para aumentar e facilitar o aprendizado, quando o estudo é muito pesado e cansativo.

Mário e Maria conversavam sobre o passeio no lago azul que fariam no próximo fim de semana, enquanto tomavam um refrigerante bem gelado para

matar a sede, pois o dia estava muito quente. Combinavam sobre o que levariam no farnel, já que estariam lá por todo o dia, voltariam só à noitinha quando o sol já tivesse se recolhido.

O lago azul distava da cidade apenas alguns quilômetros e ao contrário do que possam estar pensando, não era um local público por estar situado no centro de uma mata cerrada, poucos o conheciam até pela dificuldade de acesso, uma vez que a estrada era estreita e mal conservada, apenas algumas pessoas iam até lá, por recomendação de amigos.

Entretanto as poucas pessoas que o conhecia e que freqüentavam o lugar ficavam deslumbradas com a sua beleza exuberante. Era algo maravilhoso pela harmonia e paz de espírito que proporcionava, convidava à reflexão e promovia um relaxamento espiritual que enlevava os pensamentos. Calmo e silencioso, só se ouvia os trinos dos pássaros e o sussurrar dos ventos balançando as folhas das árvores gigantescas.

Os raios do sol penetravam por entre as aberturas das folhas das árvores, deixando mostrar um feixe de luz amarelo e disperso, em contraste com o verde da natureza prodigiosa. Folhas secas rolavam soltas pelo chão na mais pura liberdade de ir e vir. No limite da terra descontinuada, iniciava-se o lago que não era muito extenso e nem tampouco azul durante o dia; com a incidência do sol tornava-se até um pouco dourado; à tardinha assumia tonalidade azulada pelo reflexo da cor do céu, mas fascinante pelo atrativo que exercia sobre as pessoas, com suas águas mornas, tremulantes e calmas.

Terminado o lanche, Mário e Maria despediram-se ficando de se encontrar no dia seguinte, bem cedo, quando passaria na casa dela para irem ao passeio combinado. Ambos estavam eufóricos e bem que mereciam um descanso no fim de semana.

O dia amanheceu claro e propício para um passeio, Maria levantou-se bem cedo, tomou um banho quente e demorado, arranjou tudo num cesto apropriado para piquenique e se pôs a aguardar Mário que por certo não tardaria a chegar.

Exatamente no horário combinado, dois toques sutis na buzina de seu carro foram suficientes para que Maria saísse correndo com o cesto numa das mãos, indo ter com Mário que a aguardava dentro do carro. Abrindo a porta, atirou-se nos braços dele num beijo demorado.

Seguiam conversando pelos caminhos tortuosos que os conduziam até o lago azul, onde juntos passariam o dia em deliciosos momentos de muita ternura e felicidade, ambos planejavam se casar, assim que terminasse o curso na faculdade.

A sinuosidade da pequena estrada não permitia que Mário aumentasse a velocidade com que estavam indo, afinal o que importava para eles é que lá chegariam dentro de pouco tempo e que estariam sós pela primeira vez, longe de seus pais e colegas de turma.

Estavam felizes e isso era o que mais contava naquele momento. Liberdade de viver e escolher o que fazer. Respirar um ar puro e correr por entre o mato que exalava um cheiro característico e delicioso, um

convite para amar. Banhar-se nas águas tépidas do lago borbulhante. Secar-se ao sol toda despida e sem pudores ou convenções que os atrapalhassem, afinal, estavam sós e tinham todo o lago somente para eles. Deitarem-se sobre as folhas secas e rolarem pelo chão, despojar-se da timidez que recata e tolhe as iniciativas. Era assim que ambos planejaram.

Assim foi o dia tão esperado e sonhado por eles, vividos intensamente hora a hora, minuto a minuto sob as carícias do sol que esquentava a sua pele. E depois debaixo das sombras de frondosas e seculares árvores quedavam-se livres e soltos. Esbaldaram-se nas águas profundas e quentes, riam enquanto planejavam o futuro a dois, próspero e construtivo.

A tarde caía mansamente, o sol já ia se escondendo no horizonte sem que Maria e Mário dessem conta disso. No lago azul a noite embrenhava-se na mata tornando-a negra e não menos atrativa; se olhassem para cima, veriam estrelas cintilantes faiscando lá longe. Era hora de voltar com as energias renovadas e prontas a se exaurirem novamente na intensa movimentação das cidades grandes.

Regressaram e trouxeram na lembrança as maravilhosas horas que juntos passaram e, ao se despedirem, juraram que na primeira oportunidade voltariam aos encantos do misterioso lago azul.

Realmente havia algo de misterioso naquele lago. Alguma coisa que fascinava e que não deixava que o esquecessem. Suas lembranças estavam sempre vivas na memória de Maria, que sentia o aroma silvestre emanado pelas plantas adentrarem pelas suas narinas, apertando o seu peito. Era como se a saudade

já estivesse batendo. Tudo se passava como se o lago azul estivesse marcando um novo encontro com ela, como se a estivesse chamando, exigindo a sua presença novamente, para juntos desfrutarem de todo aquele prazer infinito.

O lago parecia encantado e exercia uma influência nas pessoas que com ele se identificava. Isso era notório em Maria que a cada dia que passava, mais sentia vontade de lá voltar. O vento ao roçar em seu ouvido parecia dizer-lhe: Volte! Venha! Venha depressa... Estou a lhe esperar...

Maria sentia uma força estranha que lhe atraía para lá, não havia como recusar. Estava dividida entre suas obrigações na escola e a voz que lhe chamava insistentemente através do sussurro do vento. Algo estava se passando com ela. Já não tinha mais como recuar e tampouco queria, havia que atender ao chamamento e aos encantos do lago azul.

Magnetizada pelo esplendor de tanta beleza, acedeu ao apelo veemente do vento, foi ao encontro daquele paraíso, sem mesmo se aperceber o que se passava com ela. Automatizada, embrenhou-se na mata que lhe dava as boas vindas, e devagarinho foi-se aproximando do lago que parecia sorrir para ela. À medida que andava na sua direção, despia devagarinho suas vestes. Com os braços abertos entrou nas águas quentes e borbulhantes que lentamente foi tomando o seu corpo até arrebatá-la por completo para nunca mais voltar.

A polícia isolou e vasculhou a área toda. Mário reconheceu as vestes que estavam soltas pelo caminho em direção ao lago. Triste, ficou a observar a água do

**lago azul que parecia ter vida, a vida de Maria.
Aquelas águas o encantava, parecia chamá-lo para um
encontro... O encontro no lago azul.**

MARIA, JOÃO e JOÃOZINHO.

A chuva terminou assim que o vento arrastou as nuvens negras e grossas para bem longe dali. Agora o céu estava limpo e as crianças bem cedo começaram a brincar livres e soltas no terreiro. No ar um aroma silvestre invadia as casas de sapé dos colonos.

Na fazenda reinava um clima silencioso e a tranquilidade que pairava naquela manhã de domingo, absorvia as árvores, os animais e também os homens, dentro de um absoluto equilíbrio da mãe natureza. Tudo se passava na mais perfeita integração.

Depois da chuva o dia clareou depressa e em tudo se via muita alegria, o sol radiava com toda a sua intensidade.

Maria acordou cedo como sempre fazia, saiu ao terreiro para ver o balançar das árvores ainda respingadas pelas águas que caíram durante a madrugada regando a plantação. No curral o mugido da vaca leiteira anunciava que era chegada a hora da ordenha. No céu os pássaros trinavam suavemente num alvoroço total. Maria sorriu um sorriso longo e franco, pressentindo que o domingo seria de muita paz e felicidade.

Filha de colonos que prestavam serviços à fazenda, Maria era moça pobre, vestia-se de maneira simples, mas possuía uma beleza inigualável. Era invejada pelas outras moças da roça. Seu corpo era esguio e a sua tez morena, seus cabelos longos de cor preta caíam-lhe sobre os ombros, Seus olhos amendoados guardavam dentro de cada sutileza um

encanto sedutor. Tudo isso estava aliado à ingenuidade de moça caipira.

- Uái fia, como tu ta bonita, que lindura...

Maria estava toda enfeitada para ir à missa do povoado e ficou faceira e contente com a observação que seu pai lhe fizera.

- Uái véio, num lembra não? Este vestido de “fazendinha” foi vosmecê que me deu com a coieita do ano passado. Replicou pilheriando e saiu balançando as fitas brancas que prendiam em ambas as pontas suas tranças. Rebolava com um andar leve e flutuante. O sol brilhava em sua pele morena deixando-a luzidia. De seu corpo exalava um aroma agreste. Olhou para trás e espantou de volta a casa o velho cão amigo que a seguia pela picada.

No povoado, não muito distante da fazenda, havia uma praça ao lado de uma igrejinha de madeira. O clima era festivo e de muita animação. Barracas foram montadas e ofereciam distrações variadas e alimentos a todos, enquanto a missa não começava.

Na pracinha, rapazes, moças e crianças, na maioria colonos com seus filhos, passeavam e conversavam no jardim florido e arborizado. Fogos de artifício explodiam no ar. Bandeirinhas coloridas faziam parte da decoração e se estendiam por fios de uma árvore à outra,

O tempo estava bom e certamente ajudará o seu vigário; as arrecadações seriam compensadoras. A

igreja carecia de algumas reformas, a pintura estava por fazer e alguns vitrais estavam quebrados.

Não havia um só caboclo da região que não tivesse comparecido à quermesse, promovida e divulgada pelo próprio padre, que se empenhou bastante nisso, inclusive João, afinal era domingo e dia de muita festança. Todos estavam dispostos a ajudar na reconstrução daquela pequena casa de orações.

João, homem simples como os demais do povoado, possuía um pequeno pedaço de terra fértil de onde tirava o seu sustento.

Naquele domingo, João levantou-se mais cedo que de costume, presenciou ainda com muita euforia a chuva choverando as plantas e fecundando o solo, permitindo a germinação que tanto esperava. Suas orações foram atendidas. Saiu ao terreiro sorrindo e com os braços abertos reverenciando ao Senhor, num gesto humilde de muita devoção. Ajoelhando-se prometeu cumprir a promessa de ir ao povoado naquele domingo e assistir a santa missa.

Os sinos da capela tangeram pela segunda vez anunciando aos fiéis que ao terceiro toque o culto iria começar. A pequena torre que abrigava o sino, dava também abrigo às pombinhas brancas que revoaram ao som do terceiro repique.

A missa iria começar e repentinamente todos se fizeram silentes. A banda que tocava modinhas emudeceu em sinal de respeito, pois o momento era de muita fé e compenetração.

Ordenadamente todos entraram e tomaram seus lugares, de onde ouviriam o sermão do padre. A

igrejinha estava repleta de fiéis, não havia mais lugares, todos estavam tomados.

João tirou o seu chapéu de palha e ficou em pé do lado direito de quem entra, bem perto da porta. Maria ao passar, olhou com ternura para João, sentou-se logo mais à frente do lado esquerdo e perto de uma conhecida. Tinha um véu negro na cabeça e nas mãos um terço para suas orações.

Lá na frente, no púlpito, o pároco fazia seu sermão:

**• Deveis vos amar uns aos outros...
Não matarás... Pecados, pecados e mais pecados...**

Maria mal escutava o pregão, estava absorta a fitar João. Seus olhos verdes faiscavam de tanta emoção. No peito sentia um aperto e da garganta sua voz quase não saía. Mal podia se conter.

João com o coração palpitante, não escondia sua emoção, seus olhos tinham um brilho como jamais tiveram antes. Desajeitado rodava seu chapéu de palha nas mãos.

E naqueles lances e relances de olhares e sofreguidões, o tempo transcorreu depressa e sem que se apercebessem a missa terminou. Todos saíram, a igreja esvaziou depressa, mas Maria e João permaneceram imóveis e onde estavam.

Lá fora a festa reiniciou animada. Rojões crispavam o ar e estouravam bem alto no céu. A banda enchia o ar com uma sonoridade estridente e ruidosa.

As moças sorriam, as crianças brincavam e os velhos comentavam o sermão: Padre Serafim é muito bom...

João levou alguns instantes para se recompor do transe que o absorveu. Andou lentamente na direção de Maria. Trêmulo, palpitante e sôfrego, segurou firme nas mãos dela e reclinando-se lhe beijou a testa ternamente. Ambos explodiam de felicidade. Mudos como quem estão absorvidos por um êxtase, pareciam atingir o grau máximo do amor, com seus corações gravitando em torno de si. Seus olhares trocavam compreensão eterna. Nada diziam um para o outro. Maria limitava-se a encolher os ombros ingenuamente, com um sorriso profundo nos lábios.

Grande amor, súbita paixão; algo inexplicável aconteceu ali naquela igreja, com Maria e João. Ali se conheceram, ali algum tempo depois se casaram. E aos domingos, quando na igreja os sinos tangiam, lá estavam felizes, Maria, João e Joãozinho.

MEU VIZINHO HIPOCONDRÍACO

Naquele dia meu vizinho do lado esquerdo da rua onde moro, achou de ficar doente logo cedo, tirando-me da cama. Apesar de morarmos na mesma rua nunca nos vimos. Sua esposa, nervosa e sem saber o que fazer foi até a minha casa solicitar ajuda.

- Por favor, disse-me ela. Meu marido não passa bem e preciso de sua ajuda...
- Claro, claro! Mas o que tem ele? Não sei como posso ajudá-lo, não sou médico e...
- Não importa que não seja médico, mas é homem. Venha comigo, alguma coisa há de ser feita... Por favor,... Interveio.

Receoso, acompanhei a vizinha até a sua casa. Entramos e ela me fez esperar na sala, atitude que achei estranha uma vez que se o marido estando mal como me havia dito, deveria levar-me diretamente ao seu quarto onde estaria deitado, cheio de gemidos e ais, pensei. Fiquei ali, em pé, aguardando por alguns instantes enquanto pensava o que fazer com o nosso doente. Não tinha experiência nenhuma nesse tipo de atendimento. Ocorreu-me medir-lhe a febre, mas não tinha sequer um termômetro, ademais de que adiantaria saber sua febre se não saberia como curá-la, só me restava levá-lo a um hospital onde poderia ser atendido por alguém especializado, mas isso poderiam eles mesmos fazer. Comecei a ficar apreensivo.

Após alguns minutos ela desceu a escada que ligava o pavimento térreo ao andar de cima. Ela veio acompanhada de seu marido, vestido num hobby impecável, sorridente, me recebeu dando logo as boas vindas como se recebesse alguém para uma reunião importante ou mesmo uma festa.

- Muito prazer, vizinho. Sente-se e fique a vontade.

Sentamo-nos e iniciamos o maior papo que já tive até agora com um vizinho. Confesso que não sou muito chegado nessas coisas. Mas enfim, vá lá.

- Pois é... Veja quanto tempo moramos aqui, lado a lado, e nem sequer nos conhecemos. Nunca falamos. Mas o mundo é assim mesmo... Dizia ele. Mas, temos lhe observado e julgamos que nos parece uma pessoa sensata e equilibrada em quem podemos confiar nossos problemas.

Eu não sabia o que lhe falar, apenas concordava com ele balançando a cabeça de vez enquanto. Ficava a pensar o que poderia ter aquele homem, que tipo de doença deixava o enfermo assim tão disposto, indagava-me.

- Bem, mas sua esposa disse que precisava de ajuda, que não passava bem, enfim, que estava doente. Posso servi-lo? Fui logo falando.

- Sim, interveio sua esposa assim que me referi ao assunto doença. Explicou-me:

Que não estava agüentando mais o marido. Todo dia tinha uma doença diferente; doía aqui doía ali, e assim passava o dia todo nessa lamúria, e tomando pílulas que jamais faziam efeito algum. Por isso chamou-me para uma conversa com ele, uma vez que eu lhe parecia um homem saudável e sem problemas. Sabiam ainda que eu tinha estudado alguns anos de medicina, embora não tivesse concluído o curso. Quem sabe se trocando algumas palavras amigas ele poderia encontrar um caminho para a auto cura. Palavras de homem para homem. Confessou-me até que por conta dessas dores de cabeça não faziam amor há quase dois meses. Estava desesperada. Achava que aquilo tudo não passava de uma fuga para adiar seus compromissos conjugais... Daí, quem sabe, alguns conselhos...

Ouvia tudo atentamente, mas como poderia eu ajudá-lo? Perguntava-me um pouco angustiado e sem saber o que fazer nesses casos. Ainda mais que o marido estava bem ali do nosso lado, escutando tudo que a esposa falava a seu respeito, imóvel e com aquela cara de bundão confesso. Limitava-se a sorrir e a concordar com a esposa naquilo que dizia.

- **Puxa, que situação! Exclamei confuso, tentando fugir daquele assunto que me parecia privativo ao casal. Mas eles pareciam não se importar discutindo aquilo com um simples vizinho como eu. Olhei fixamente nos olhos do meu paciente, contendo o riso que não cairia bem naquele momento. Concluí que aquele estado era próprio de uma doença chamada hipocondria, um estado mental**

causado por depressão e ainda por uma doentia preocupação com o funcionamento dos órgãos. Ocorreu-me então aconselhá-lo conforme me pedia a sua esposa:

- O senhor não me parece gay. Sua doença está mais para hipocondria que para isso. Sinto-o saudável e suas desculpas me parecem infundadas. Acho que um chá de “repolho roxo” duas vezes ao dia lhe fará muito bem, acabará de vez por todas com suas desculpas. Farão amor como nunca fizeram anteriormente, suas dores de cabeça desaparecerão, experimente só para ver. Meu diagnóstico foi logo ao ponto, mesmo por que estava louco para cair fora. Qualquer coisa que dissesse poderia servir, se não para ele, pelo menos me ajudaria a sair mais rápido dali. E no momento o único chá mais inócuo que me lembrei foi esse. Apostei na força da auto-sugestão.

A esposa que ouvia isso, entusiasmada, prontificou-se logo a comprar o repolho roxo e a fazer o chá que lhe recomendei.

Passados alguns dias ela me procurou novamente com a notícia de que repolho roxo é um santo remédio. Fez efeito quase que imediatamente deixando o seu marido novo em folha novamente. Amaram-se como nunca tinha acontecido antes, sua dor desapareceu por encanto; e estava infinitamente agradecida a mim. Mas desta feita, queria que eu indicasse para ele um outro chá contra os efeitos sonoros provocados pelos gases que lhe enchiam a

barriga. Neste caso, recomendei que diminuísse as dose da infusão, porque repolho roxo é mesmo muito forte. Rimos. Receitei então que coma três vezes ao dia geléia de Jurubeba, ou chá feito do seu talo, caso a redução da dose não surtisse efeito.

Bem, o hipocondríaco não se livra mesmo dessa mania de tomar chás ou outros remédios. Tampouco os vizinhos se livram deles. E ao que parece ganhei não só um amigo, mas um cliente também.

O SONHO, O PRETO E O ANDARILHO

O sol já se punha por detrás das montanhas e seus raios se projetavam voltados para o céu, colorindo o horizonte com raias avermelhadas que se misturavam com o azul celestial.

Na cidade o ambiente estava tranqüilo. Eram seis horas da tarde e os sinos da igreja repicavam anunciando a hora da Ave Maria.

Quando ele apareceu, vagando lentamente pelas ruas com suas vestes rotas e com a barba comprida, todos o olhavam com ares de curiosidade. Mas ele era assim, andante, impulsivo e gostava de ajudar aos outros que dele necessitasse.

Parou ao ouvir o badalar do sino da igreja e, num gesto sereno, com os braços erguidos ao céu, referenciou os santos com o sinal da cruz, beijou seus dedos, levantou a cabeça e prosseguiu o seu caminho.

- Ô moço... Ô moço!

Fora surpreendido por uma voz rouca que o chamava insistentemente. Parou outra vez voltando-se lenta e calmamente, verificou que um homem de cor negra e cabelos grisalhos o chamava.

- Ô moço! Arranje-me um cigarro!

Aquele homem negro estava sentado atrás de uma janela guarnecida por fortes barras de ferro, compreendeu desde logo que se tratava do presídio da cidade. Aproximou-se dizendo:

- Não fumo! Sejam bem aventurados àqueles que não possuem o vício do tabaco; não ganharão o reino do céu aqueles que possuem máculas em seus corações. Fazendo citações de salmos, capítulos, versículos e parágrafos da bíblia, afastou-se vagarosamente.

O velho negro, na sua clausura, arregalou os olhos sem nada dizer, ficando a pensar: Seria aquele peregrino um profeta? Quem sabe um mensageiro de Deus. Quem sabe mais um louco, um místico destes tantos que andam por aí. Arrependeu-se de lhe ter pedido um cigarro.

Ele, o andarilho, afastou-se pensativo, o que poderia estar fazendo num lugar como aquele, um velho, que a primeira vista não lhe pareceu um criminoso. Suas rugas, seus cabelos brancos, seu corpo recurvado, suas expressões não lhe pareciam maldosas ou de uma pessoa má.

O andante, dirigindo-se ao primeiro bar solicitou a alguém que lá bebericava que lhe arranjasse um cigarro. Desculpou-se dizendo que não possuía dinheiro para retribuir. Acenou com a cabeça, fez um gesto com as mãos e afastou-se.

Acercando-se do gradio que limitava o espaço entre os dois mundos, o de dentro e o de fora da cadeia, sussurrou:

- Ô amigo... Ô amigo, aqui está o seu cigarro.

O velho que já estava confuso e pensativo ficou aturdido com aquele gesto de bondade, com o qual não

contava. Dentro de sua cela reuniu toda a força que lhe restava, levantou-se lentamente indo até a grade da pequena janela.

- **Obrigado! Agradeceu com voz fraca. Pegou o cigarro e acendeu.**

Puxou longas baforadas reconfortantes, como quem viciado, não fumava há anos e estava ávido pela nicotina.

- **Moço, qual é o seu nome?**
Perguntou o velho.
- **Não tenho nome, afinal de eles importam!**
- **De onde vem! Insistiu o negro.**

Venho de lá e vou para cá. Respondeu o passante com um sorriso, apontando a direção que pretendia seguir.

Diante de respostas inexpressivas, não lhe restou outra alternativa senão a de sorver em longas baforadas o cigarro concedido.

Alguns minutos transcorreram de forma silente, quando, dirigindo-se ao negro, falou reiniciando o diálogo:

- **Qual o seu nome, meu velho!**
- **Antonio exclamou por entre os dentes.**
- **O que faz aí, Antonio?**
- **Cumpro pena de vinte anos. Quinze já passaram. Respondeu com desconsolo.**
- **Possui família, filhos?**
- **Sim. Mas nunca mais os vi.**

O silêncio se fez presente por alguns instantes novamente. O peregrino, cujo destino o havia abandonado a virar o mundo, refletiu que a sorte não lhe era de todo má, pois tinha liberdade de ir e vir para onde quisesse, ainda que passasse por algumas privações. Permaneceram imóveis com os olhares profundos e pensativos, como quem está a se estudar reciprocamente. Estabeleceu-se aí um elo de confiança entre eles.

- Mas que diabo de crime você cometeu, Antonio, para merecer tantos anos de prisão? Perguntou com ar sério e despojado de sua característica brincalhona que lhe afigurava tons proféticos. Desfez a obscuridade e retomaram a conversação.

- Matei um homem. Dei-lhe três facadas no peito que lhe foram fatais. Disse o negro com as faces frias e olhar perdido no espaço.

- Mas porquê? O que ele fez de tão grave para merecer pagar com a vida? Pelas leis divinas nenhum mortal tem esse direito. Retrucou indignado o passante.

- Eu vou lhe explicar tudo direitinho!

Antonio, com os olhos rasos de lágrimas, propôs-se a narrar sua história. Nem ele próprio sabia o que o estava levando a contar a um desconhecido. Provavelmente pela simpatia ou pelo fato de lhe ter dado um cigarro, ou até por um desabafo natural. Pela

expectativa de uma ajuda impossível, compreensão, quem sabe?

- Eu explico! Disse novamente, a princípio com a voz embargada, e então começou a narrativa:

- “Certa noite, eu e Zefa fomos deitar após as crianças terem se acomodado. Deitamos e dormimos tranquilos, quando tive um sonho. A partir desse momento nossa vida se modificou, mais que isso, nossos destinos se alteraram”.

Eu amava a minha Zefa e meus negrinhos também, eles eram a minha razão de viver. Por eles trabalhava duro, sol a sol, como pedreiro.

Sonhei que havia duas enormes pedras que bloqueavam a entrada de uma gruta, onde há muitos anos atrás, abrigou um bando de saqueadores de navios, na verdade, eram piratas do mar. Dentro dessa gruta havia um enorme baú, cheio de jóias preciosas, ouro em profusão na forma de lindos adornos, e tudo isso fora deixado pelos saqueadores muito bem escondido dentro daquela gruta.

Assim que acordei, contei meu sonho a Zefa, ela riu, mas ouviu atentamente toda a minha história. Censurou-me dizendo que eu tinha mania de grandeza. E que só tinha um jeito de ficarmos ricos, trabalhando com afinho e amor.

Passados mais alguns dias, o sonho novamente se repetiu, só que desta vez pude ver nitidamente o local onde estava a gruta situada. Vi novamente as pedras que bloqueavam a passagem. Verifiquei ainda

que a maneira mais fácil de removê-las seria cavando por debaixo delas, assim rolariam ribanceira abaixo, abrindo a passagem para dentro da gruta.

Assim que acordamos, contei novamente o meu sonho a Zefa, desta feita com todos os detalhes de sua localização. Isso já estava me tornando obcecado. Outra vez riu, achando que isso não passava de uma ilusão. Dizia que a minha cabeça não andava boa, dada as necessidades pela qual passávamos.

Mas... Moço, minha idéia de riqueza era para poder dar a Zefa e aos negrinhos uma vida melhor, só isso, nada mais. Para mim tudo estava bem, mas a Zefa merecia coisa melhor, não era justo trabalhar daquele jeito. E quanto às crianças, queria que fossem até doutores. Trabalhar, eu sempre trabalhei, mas não dava nem pro sustento.

- Puxa, Antonio! Sua história é muito complicada, conte-me mais sobre o sonho que teve. Falou intervindo o andarilho.

A noite caia mansinha e no céu já faiscavam as primeiras estrelas que se organizavam com esplendor e embelezavam o infinito distante. Pela pequena janela da cela, adentrava a claridade da lua, que iluminava parcialmente a face daquele velho tão sofrido.

- Vou continuar! Falou Antonio enxugando com uma das mãos as lágrimas que rolavam de seus olhos.

- Mais alguns dias se passaram e novamente o sonho voltou. Sonhei que fui à gruta, lá chegando encontrei um homem alto e

forte e de cor negra. Parecia ser mais moço do que eu. Tinha adentrado a gruta e estava de posse do baú, do meu baú. Apoderou-se das jóias, as mesmas do sonho.

- O que você está fazendo aqui? Como soube deste local? Tudo isso é meu. E ele nem me respondia, nem sequer me olhava. Limitava-se a sorrir enquanto aprofundava suas mãos no baú, a remexer o tesouro. Aquela fortuna por direito era minha.

- Este baú é meu... Gritava com o sangue já me subindo à cabeça e apoderando-se da razão. Foi quando respondeu olhando para mim: Eu cheguei primeiro, otário.

- Assim que acabei de ouvir sua palavras, já fora de controle, saquei do punhal e desferi-lhe três punhaladas certeiras no peito. Ficou caído no chão sob as poças de sangue que jorravam pelas veias cortadas. Entre um gemido e outro sua vida se consumia aos poucos.

Ao acordar do sonho, em casa, estava com a vista anuviada e pouco estava enxergando, mas ouvia nitidamente a voz de Zefa gritando; Foi ele, seu delegado, foi ele quem matou o homem...

Não sei ao certo se estava sonhando ou acordado, mas tão logo a minha visão se recuperou, vi que minhas mãos estavam trêmulas e manchadas de sangue. Tudo estava confuso e num repente impulsivo, saltei da cama onde estava e comecei a gritar: Eu o matei, sim eu o matei. Matei por que fui roubado. Algemaram-me e trouxeram-me para cá há quinze anos atrás. Dia após dia fiquei na esperança que a Zefa

e os meninos viessem me visitar, mas nenhum deles veio até hoje “““.

Meu Deus pensou o peregrino. Como pode a sua Zefa ter traído um homem bom e ingênuo como este? Será que ele não percebeu que ela está de posse do tesouro e que possivelmente fugiria com o outro não fosse o realismo da paranóia de Antonio e... Pensou o andante, nada falou por que de nada adiantaria os seus comentários, nada podia fazer para ajudá-lo.

Arranjou-lhe um outro cigarro, despediu-se voltando a sua vida de andante, sem destino e sem sonhos, mas livre. Afastou-se lentamente e de quando em quando acenava um adeus retribuído pelo preto velho, àquele que tinha sido o seu melhor amigo nestes últimos quinze anos.

O VIAJANTE

Corria mundo sempre que podia e atrás de um bom negócio que proporcionasse um grande lucro. Assim era um árabe que conheci há muitos anos atrás, numa pequena cidade do interior do Paraná. Viajava de forma incansável pelas empoeiradas estradas do Estado, lá pelos idos de 1.970, com sua charrete puxada pela égua que atendia pelo nome de Nina.

Naquela tarde, quando ia para uma cidade próxima vender suas mercadorias, deparou-se com um vendaval bem no meio da viagem. A chuva incidia e batia forte pela lateral direita da carroça, parecendo que pela fúria do vento seriam arrastados até o fim do mundo com a égua e tudo o mais.

Resmungava e mal dizia o tempo pela sua ferocidade, que não tinha nenhuma complacência com as condições em que viajavam. Cada vez mais o temporal convertia-se num vendaval com muita água que começava a se acumular no chão, tornando-o barrento e escorregadio. A noite já ia chegando e a escuridão tomava conta de tudo a sua volta. A égua, sua companheira inseparável de tantos anos, começava agora a reclamar da condição escorregadia da estrada. Ambos se entendiam em seus resmungos. Enquanto um bufava o outro relinchava.

- “Galma! Galma Nina. Nós vai barar na primeira casa que encontrar bela frente, daí nós descansa. Só brosegue no dia seguinte quando a tempo melhorar”. Falou e a

égua concordou, respondendo com um relincho comprido, fino e chato.

Assim, Salim e Nina, seguiram um pouco mais, tateando pela imensa escuridão que os envolvia naquela estrada longínqua, até que avistaram, lá na frente, um pequeno brilho emanado por um candeeiro a querosene, que fornecia fraca iluminação dentro daquela pequena venda.

Nina foi abrigada no estábulo, e Salim arranhou um pequeno quarto onde se alojou por aquela noite. Não era um quarto que pudesse ser chamado de confortável, mas atendia a situação do momento. Possibilitava um banho numa tina de madeira, onde se molhava com chaleiras de água quente que misturada à fria dava um banho morno.

Em seguida desceu até o bar onde tomaria uma bebida quente, e se aqueceria ao lado da lareira com lenhas em brasa. Ajeitou-se logo numa mesa, e foi servido de um vinho com o mais puro sabor do álcool. Tragou de um só gole arrepiando-se todo e fazendo caretas que chamaram a atenção de uma linda mulher, que se sentava sozinha numa mesa contígua a sua. Olhou-a da cabeça aos pés. Como todo bom árabe, não podia e não desperdiçaria nenhuma chance, muito menos num dia como aquele. Sorriu para ela e foi correspondido com outro sorriso meigo de bela moça. Mas o que estaria ela fazendo neste cafundó? Perguntava-se enquanto a olhava em todos os seus ricos detalhes. Só tinha uma forma de saber, perguntando a ela, concluiu.

Lá fora a noite continuava escura com o vento soprando forte nas árvores, que balançavam os galhos deixando as folhas caídas no chão, O vendaval projetava fortemente as águas da chuva torrencial na janela da velha casa de madeira. Cada pingo era uma pancada no vidro frágil, que parecia arrebentar-se com tamanha violência. Do telhado, de quando em quando, escapava alguns pingos na forma de goteiras, que eram imediatamente aparadas em bacias estrategicamente colocadas pelo dono do bar.

Em sua mesa, Salim bebericava o seu vinho horrroso em pequenos goles. Sorria para a senhora ao lado, quando uma mão pesada e grande, de repente, pousou em um de seus ombros. Voltou-se rapidamente como quem está assustado e procura se defender.

- Tenha calma, homem! Não se assuste! Somos velhos conhecidos. Falava enquanto tomava assento a seu lado. Olhou para o dono do bar e pediu mais vinho. Era um homem alto e bem mais velho que ele, de cor preta, bem apessoado, tinha uma voz grave e pausada. Pareceu-lhe num primeiro momento, ser um homem de bem.

- Salim não lembra de ter conhecido a senhor! E olha que Salim tem boa memória. É comerciante e já virou este mundão bor aí tudo.

- Eu sei disso. Falou sorrindo.

- Gomo sabe a senhor de meu vida. Agabo de chegar neste lugar... Vou embora amanhã mesmo, é só o tempo ficá melhor.

- Sei disso também! Olha aqui, pensa que não vi como você olha para ela? Apontou para a mesa ao lado.

- Sim! E daí. Senhor não tem nada com isso. Salim olha brá quem quizé. Brincipalmente brá muié bonita.

- Sei disso também. Conheço a sua fama. Respondeu.

- Mas afinal, quem senhor bensa que é Salim...

- Bem, deixe isso prá lá. Aproximou-se um pouco mais, e como quem cochicha na orelha de alguém, foi logo dizendo que aquela mulher era a viúva do prefeito da cidade para onde iam, e que ele era o encarregado de levá-la para o féretro que seria no dia seguinte.

- Bucha vida! Exclamou Salim. Tão jovem e já sem homem. Que bena! Morreu a prefeito, mas eu ta vivo. Se ta viúva, brecisa de véu e vestido breto, Salim vende baratinho brá ela. Nesta conversa toda, procurava um jeitinho de empurrar sua mercadoria.

E assim, Salim e aquele homem sentaram-se à mesa com a viúva do prefeito, que não parecia ter o menor sentimento com relação à morte de seu marido. Apresentaram-se e foram logo trocando idéias. Como homem viajado que era, detectou logo que ambos eram farsantes e que pretendiam algo que ainda não sabia o que era. A única coisa que sabia é que tinha de ficar com o olho aberto e bem aberto.

Na seqüência dos acontecimentos, Salim foi até o quarto, pegou sua mala de mascate e expôs as suas mercadorias a viúva, propondo-lhe a venda de algumas peças que não eram de interesse dela, e nem tampouco era a sua intenção vendê-las. Começou por aí como estratégia de venda. A mulher interessou-se logo por outra que estava no fundo da mala. Era uma bata longa feita de um tecido sintético barato. Queria comprá-la, mas o nosso hábil vendedor foi logo falando:

- Não senhora! Esta Salim não bode vende. Este é peça rara. Dá sorte a Salim. Veio de meu terra. Este tecido enxugou suor de Jesus na Calvário, em Jerusalém. É manto sagrado. Salim não vende nem bor breço muito alto. Disse escondendo as peças debaixo das outras. Era assim que ele chamava a atenção de seus fregueses, como tática de venda. Ela ficou interessada.

A noite continuou e a chuva caía em bátegas torrentes. Parecia que o mundo lá fora ia se acabar dentro de pouco tempo. Havia uma esperança de que o dia seguinte amanhecesse com muito sol para poderem prosseguir a sua caminhada. Seria melhor para a égua Nina, xodó de Salim.

O homem que acompanhava a primeira dama convidou Salim para um jogo de cartas a três. Foi logo pedindo ao dono do bar um baralho novo, e começou a baralhá-lo com maestria, como quem tem muita afinidade com as cartas. Salim observava.

- Salim joga pôca baralho. Só das veiz enquando, quase não gosta. Bode viciá. Disse tirando o corpo fora, querendo sair dali. Mas a moça não o deixou e insistia que ficasse e que jogasse as cartas com eles. Justificou que a dois não teria a menor graça. Jogava o seu charme todo em Salim, que não suportando, se rendeu. Este era o seu fraco, belas mulheres. Relutou, mas ficou para o jogo, mesmo compreendendo que os dois eram jogadores profissionais e que estavam ali justamente para tirar dinheiro dos trouxas. Mas Salim não é boba, pensava.

O jogo foi iniciado com tudo que tinha direito, mesa redonda e pano verde sobre ela. Baralhos novos como haviam pedido. Deixaram que o árabe ganhasse as duas primeiras mãos e depois foram ganhando as demais partidas até que Salim resolveu parar por estar endividado. No acerto de conta Salim disse que não tinha dinheiro suficiente para pagar a dívida do jogo. Ambos se exaltaram, e no calor da discussão, a mulher resolveu aceitar como pagamento aquele pano santo de Jerusalém, onde Jesus enxugou seu suor.

Mais que depressa Salim se recusou. Não podia dar como dívida de jogo um pano que só lhe trazia sorte, seria um sacrilégio e Jesus podia castigá-lo por isso, falou com tom autoritário aumentando ainda mais a curiosidade da mulher. Ademais, aquele pano valia muito mais que a própria dívida, argumentou.

Não teve jeito, acabou cedendo. Mas antes, porém, foi negociado o preço. Como a dívida era

menor, Salim ficou com a diferença em dinheiro vivo. Entregou o pano sagrado com lágrimas nos olhos, como parte da encenação. Afinal o jogo era esse. Cada um joga do jeito que sabe, pensou.

No dia seguinte, levantou-se cedo e verificou que o céu estava limpo e a chuva havia cessado. Foi até a estrebaria atrelar a égua à charrete. Como sempre fazia, enquanto procedia a atrelagem, conversava:

- Nina nós vai é volta daqui prá nossa terra. Salim já ganhou bastante dinheiro. Não precisa ir brá frente. E a égua balançava a cabeça e o rabo como quem está entendendo tudo, ambos se conheciam bem, e Salim continuava explicando:

- Bano custa brá Salim 100 dólares. Salim berdeu na jogo 400. Deu o bano prá pagá a dívida e recebeu de troco 1.000. Então Salim lucrou 900, confidenciava ao ouvido de Nina enquanto trotava de volta ao lar. Salim não ganha nada brá fregueis. Não é boba nem nada.

UMA HISTÓRIA. . .

Uma História... Relembra uma “passagem” que vivi há muitos anos atrás quando era ainda menino e acompanhava meus pais numa visita a amigos da família. Naquela época as pessoas se reuniam em suas casas como forma de discutir assuntos de interesse geral, ou mesmo amenidades, buscando atualização dos conhecimentos, das informações lidas nos pequenos folhetins da própria cidade, ou ouvidas no rádio, com aqueles chiados característico e indicativos de falta de recepção, que tanto prejudicava a sintonia da estação. Os mais velhos gostavam de comentar estes assuntos até mesmo por falta de opção, pois nas cidades interioranas não havia mais nada a se fazer quando a noite chegava.

Reunidos comentavam sobre um fato que ocorreu na cidade deixando todos os moradores arrepiados. Nas cidades pequenas qualquer coisa vira notícia rapidamente. Eu que escutava a prosa, na pouca idade que tinha, fiquei amedrontado a ponto de não dormir o resto da noite. Alguns achavam que tudo aquilo não passava de simples e pura fantasia da mente desocupada de alguns, porém outros, afirmavam categoricamente que tudo aconteceu de maneira absoluta. Havia algumas pessoas que juravam ter visto e escutado aquele choro de criança naquela noite escura como um breu.

“À medida que o sol se afastava no infinito distante, a noite negra envolvia toda a cidade. A parca iluminação nos postes possibilitava uma claridade deficiente nas ruas compridas, estreitas e empoeiradas daquela pequena cidade. A maioria dos habitantes

deita-se cedo e acordavam mais cedo ainda para os seus afazeres diários. A vida era uma constante monotonia naquele lugarejo”.

José, homem de meia idade, alto e forte, era guardião das casas de comércio daquela rua. Todos os dias ele seguia a sua incansável rotina de trabalho. Ele começava quando os outros iam se deitar, e passava toda noite acordado, vigiando, perambulando de um lado para outro, olhando tudo muito bem. O lugarejo era pacato e quase nunca havia roubo naquela região, mas por precaução dos proprietários havia que ter alguém a cuidar das lojas da rua durante a noite.

Naquela tarde José pegou o seu banquinho, companheiro inseparável de trabalho há mais de vinte e cinco anos, e postou-se na frente de uma das lojas que cuidava, onde ficava sentado de olhos e ouvidos bem abertos. De vez enquanto fazia sua ronda nas demais casas onde com uma chave acionava o relógio marcador do ponto, que faz o controle e o registro de sua guarda noturna.

E foi numa dessas noites que José viu passar bem na sua frente, toda vestida de branco e sem sapatos, uma moça bonita e alta, com cabelos longos e soltos que esvoaçavam com o vento da madrugada. Carregava em suas mãos uma pequena vasilha que jurava ser uma mamadeira vazia. Passou por ele pisando firme no chão sem sequer notar que ali estava alguém sentado. Suas expressões eram frias, seu andar era ereto e tinha uma tez pálida quase transparente. Não tardou a voltar pelo mesmo trajeto e da mesma maneira, só que desta vez tinha nas mãos uma

mamadeira cheia de leite. Uma vez mais ignorou a presença de José, que estranhou o fato.

Na manhã seguinte, assim que o dia clareou, José contou a história ao Chico do bar que acabara de abrir as portas à clientela. Feita a descrição, aquela mulher foi identificada como sendo Maria, a filha do dono da casa de tecidos. Os primeiros clientes já se puseram em alvoroço. Alguns riram de José e o chamavam de louco, outros um pouco mais comedidos limitavam-se a pensar naquilo que tinham ouvido.

Maria era a filha falecida de seu Pedro dos tecidos. Estava morta há nove meses. Morreu grávida de uma criança de oito meses. Faleceu de uma complicação pulmonar de acordo com o atestado de óbito fornecido pelo médico do lugar.

A notícia começou a se espalhar pela cidade, como o fogo se espalha no capim seco. De boca em boca o assunto era esse, depois que o jornaleco da cidade noticiou o fato. Todos liam e comentava a sua maneira. Mas de uma coisa estavam certos, aquela moça era mesmo a filha falecida do Pedro dos tecidos.

Na noite seguinte, José o guardião, presenciou a mesma cena, a moça novamente carregava uma mamadeira nas mãos, primeiramente vazia, depois, na volta, cheia de leite. Passava e não notava a sua presença. Caminhava lentamente até se perder na escuridão da rua que levava ao cemitério da cidade. Resolveu então segui-la pelo trajeto, mas sozinho e com o medo que estava, resolveu chamar o seu Pedro e a esposa para acompanhá-lo até o cemitério. Algumas outras pessoas também acompanharam para terem a certeza de que José o guardião não estava mentindo

sobre aquilo tudo, que parecia ser história de outro mundo, do além.

Seguiram então o fantasma da moça, que trajava vestido branco comprido. Descalça, quase que flutuava sobre a rua. Andava retilínea e com o olhar fixo num ponto qualquer do horizonte. Nas mãos, tinha a mamadeira com leite que estava presa firmemente entre os dedos.

Boquiabertos e quase sem poderem acreditar naquilo que seus olhos viam, seguiam esgueirando-se por entre as árvores como quem não pudessem ser vistos. Sorrateiramente adentraram ao cemitério e, de repente, a imagem de Maria desapareceu na imensa escuridão e por entre os túmulos.

Perdidos no imenso negrume da noite, só restaria agora o caminho de volta a suas casas, decepcionados e sem a certeza que procuravam. E foi quando, repentinamente, escutaram um choro de criança vindo de dentro do túmulo de Maria, que ainda lacrado, deixava escapar um som abafado. Abriram o ataúde e lá estava a criança recém nascida sobre o corpo gélido da mãe morta “.

Arrepiava-me na época ao escutar esta história... Arrepio-me ao escrevê-la agora. Verdade ou mentira, nem o tempo dirá.

METAMORFOSE

A estrada era bastante longa e até chegarem ao destino ainda levaria algum tempo. Paulo já estava cansado de dirigir o carro por tantas horas seguidas. Sua esposa Marli e as crianças já reclamavam de cansaço, o dia estava quente com um sol escaldante naquele final de tarde. Todos estavam a fim de parar e esticar as pernas. A família voltava das férias onde passaram dias maravilhosos numa estância hidromineral.

Paulo procurava um posto de gasolina. Conhecia um que estaria mais à frente; mas teria que percorrer aproximadamente uns dois quilômetros ainda, quando então abasteceria e aproveitariam para comer alguma coisa rápida na lanchonete. Tinha que estar logo em sua casa, pois na manhã seguinte aconteceria uma reunião de suma importância na empresa, onde apresentaria um trabalho a seus superiores que poderia representar a sua imediata ascensão a um cargo que há muito pleiteava. Se tudo desse certo, como imaginava, sua vida mudaria para melhor. A menos que o destino interferisse.

Felizes cantarolavam velhas modinhas conhecidas pelas crianças, que faziam coro juntamente com a mãe e o pai, quando avistaram, lá na frente, o posto onde então parariam.

O local estava com uma movimentação anormal de policiais fortemente armados com revólveres e espingardas. Paulo inteirou-se com o frentista de que havia um grande animal solto naquelas bandas. Os policiais estavam a sua cata vasculhando toda a área.

Recomendavam a todos que tivessem muito cuidado. O animal era grande e selvagem. Andava atacando, na madrugada, outros animais das fazendas vizinhas. Não se preocupou, pois pegaria uma estrada vicinal logo mais adiante.

O sol desaparecia no horizonte e a noite começava a despontar depressa. Quando terminaram o lanche, retomaram o caminho de volta casa. Agora, Paulo trafegava numa estrada secundária, estreita e cheia de curvas perigosas. As crianças dormiam abraçadas umas nas outras no banco de trás agarradas ao cachorrinho de estimação do filho menor. Marli às vezes cochilava no banco ao lado, enquanto Paulo dirigia cuidadosamente o veículo pela estrada afora.

Era noite de lua cheia e no céu ela despontava no infinito distante, bela e formosa. Parecia acompanhar o carro fosse para o lado que fosse. Paulo dirigia na calada envolvente da noite a observar a lua que o perseguia pelos caminhos tortuosos daquela estrada, banhada pelo luar prateado e envolvente.

O silêncio predominante foi quebrado quando o cãozinho das crianças inquietou-se repentinamente, acordando todos que dormiam naquele momento. Uivava, latia e chiava escondendo a cabeça entre as patinhas demonstrava medo de maneira nunca visto. As crianças tentavam acalmá-lo em vão. Parecia que alguma coisa o estava incomodando. E foi que de repente algo estranho pulou na frente do carro, desgovernando-o e fazendo-o parar forçosamente no barranco lateral da estrada.

Tudo se passou tão rapidamente que Paulo não teve tempo de ver o que era. Desceu para ver os

estragos que o carro tinha sofrido. Verificou que a grade do capô estava amassada dado ao choque com algum animal, concluiu por que havia pêlos grudados no pára-choque. Olhou ao redor do matagal e não viu mais nada. O cachorrinho continuava nervoso e latindo muito, Marli e as crianças se punham cada vez mais apreensivas. Chamavam Paulo que voltasse para o interior do carro para prosseguirem a viagem. Queriam sair dali rapidamente.

Neste momento um vulto enorme saiu da escuridão da mata rosnando como um animal feroz, saltou sobre Paulo pegando-o de surpresa, derrubando-o no chão, arranhando-lhe o pescoço que sangrava. O animal, reconhecido como sendo um lobo evadiu-se mata adentro. Paulo foi socorrido imediatamente pela mulher que lhe prestou os primeiros socorros, amarrando um pano em sua garganta contendo o sangue da ferida.

A viagem seguiu normal dali em diante, embora todos tivessem assustados. Paulo dirigia, mas sentia que alguma coisa não estava bem com ele. Chegando foram diretamente ao hospital da cidade. Após vários exames de rotina e alguns curativos, foi liberado pelo médico de plantão.

Ao entrarem em casa a secretária eletrônica avisava que a reunião que ele teria no dia seguinte pela manhã, fora transferida para as oito horas da noite, do mesmo dia, devido a um atraso do diretor presidente da empresa. Paulo suspirou fundo, pois não passava bem, sentia-se estranho e irrequieto, assim poderia dormir um pouco mais se refazendo da longa e tempestuosa viagem que fizera.

Marli acomodou as crianças em suas camas e deitou-se também com Paulo no quarto do casal. O cachorrinho alojou-se igualmente no seu cesto confortável, mas quando o relógio soava meia noite, começou a latir e a chorar sem a menor razão até que as crianças o levaram para deitar-se em seu quarto à beira de sua cama. O resto da noite transcorreu calmamente.

No dia seguinte, a reunião de Paulo começou às nove horas, embora tivesse sido prorrogada para as oito. Todos estavam reunidos numa mesa grande cheia de papéis que continham a pauta da apresentação, Paulo começou a explanação que lhe daria a tão sonhada promoção.

A reunião prolongava-se na medida que surgiam várias perguntas. Paulo explicava-as minuciosamente quando começou a sentir alguns calafrios que lhe embargavam a voz. Notou que suas mãos passavam por transformações, pêlos cresciam rapidamente, unhas que despontavam grandes e afiadas. No rosto, o nariz se convertia em focinho e os cabelos aos poucos viravam pêlos. Seus olhos faiscavam. Na sua boca, dois enormes caninos surgiram repentinamente. A voz assumia uma rouquidão transformando-se em agonizantes uivos que a todos da sala amedrontava. No relógio os ponteiros marcavam meia noite de lua cheia. A metamorfose o converteu num imenso lobo. Subiu na mesa com as quatro enormes patas e atirou-se pela janela, ainda fechada, estilhaçando o vidro e caindo do décimo quinto andar daquele prédio.

Toda a diretoria ficou atônita, apavorados correram até a janela, esperando ver o corpo de um lobisomem. Mas lá embaixo, Paulo jazia estatelado no asfalto frio, sem vida e na forma humana. Seu sangue contaminado escorria pela sarjeta misturando-se à poeira da rua. Era a vida percorrendo outros caminhos, esvaindo-se de maneira insignificante. O destino de forma cruel interrompeu o sonho de Paulo.

Marli fora avisada do acontecimento imediatamente. Um policial foi buscá-la com a viatura. O cãozinho, escapulindo seguiu a dona correndo atrás do carro que a levava até o local. Furando o cerco policial, aproximou-se de seu dono lambendo-lhe o sangue que escorria ainda quente do rosto do Paulo, enquanto chiava seu choro de dor. Queria apenas reanimar o seu dono, acordá-lo de seu sono como sempre fazia todas as manhãs, sem saber, entretanto o risco que corria.

E assim, a saga do lobisomem continuará se perpetuando através do tempo, Nova metamorfose acontecerá, numa noite qualquer de lua cheia.

INDECISÃO

Andava de um lado para outro dentro daquele pequeno quarto. Nada servia, parecia faltar algo que não sabia bem o que era. Uma agonia que me punha indeciso e nervoso se apoderou de mim, andava sem direção ou objetivo. Acendi um cigarro e fui até a janela do meu quarto procurando entender o que se passava comigo. Ao abri-la senti um frescor invadir todo o aposento. Um vento calmo e refrescante tocou a minha face. Voltei novamente para o interior daquele quarto a procura de um cinzeiro onde pudesse apagar o cigarro quase todo consumido pelas longas baforadas.

Alguma coisa estranha punha-me irrequieto, não havia lugar onde pudesse estar tranqüilo. Levei a mão no bolso, impulsivo, buscando mais um cigarro. Contive-me, pois acabara de apagar um no cinzeiro. Olhei para ele que ainda fumegava semi-aceso, torto pela pressão que fiz sobre ele na tentativa de apagá-lo; insistia em sobreviver, mas consumia-se aos poucos pela fraca brasa que o queimava, poluindo aquele ar fresco que acabara de entrar pela janela que ainda estava aberta.

Novamente comecei a perambular por entre os móveis daquele pequeno quarto. Olhei sobre a mesa de trabalho e vi o meu computador apagado, e ao lado dele um monte de papéis amassados, produto da falta de imaginação que não vinha na madrugada da noite anterior. Por mais esforço que eu fizesse, tudo que escrevia não gostava, amassava e jogava fora.

Voltei à janela que ainda estava aberta, debrucei-me sobre o parapeito e fiquei a observar o quanto à natureza é prodigiosa com os mortais viventes. Olhei o horizonte bem lá na frente onde o cosmo se une a terra. Assim fiquei por várias horas a contemplar o esplendor resplandecente do azul celestial em contraposição ao verde das árvores que cobriam as montanhas.

Olhando ainda da minha janela, vi lá embaixo a avenida que passa em frente ao prédio onde moro. Procurava encontrar alguma coisa que me trouxesse inspiração, um não sei bem o que. Mas só o que enxergava era um vai-e-vem incessante de pessoas e carros que iam e vinham em direções opostas, cada qual buscando satisfazer suas necessidades sem mesmo se importarem uns com os outros. Continuava ali observando tudo sem, entretanto, conseguir ver as minhas próprias causas, aquilo que estava me deixando aflito e indeciso.

Abandonei a janela. Desolado fui sentar-me à beira da cama com ambas as mãos no rosto apoiando minha cabeça, sem saber exatamente a origem daquela aflição que me apertava o peito. Neste momento pousou na janela um pardal saltitante nas patinhas, mudava de lado a todo o momento enquanto trinava seu refrão. Olhou para mim e voou bem alto desaparecendo na imensidão do céu. Fui até a janela, mas não o avistei mais. Sorri por alguns segundos enquanto pensava na liberdade daquela ave.

Passado algum tempo, o passarinho voltou a pousar e a cantar na janela. Fiquei imóvel onde estava, não queria espantá-lo e nem interromper o seu pouso.

Sentia-me melhor agora com sua presença e seu trinado alegre. Saltitante e feliz, parou de piar e voou até o meu computador, pousando sobre ele. Parecia querer me dizer alguma coisa. Deslizou suavemente pela janela afora ganhando seu espaço de liberdade outra vez.

Demorei ainda algum tempo para entender. Atendi a ave que parecia dizer-me: *sente-se e escreva*. E era isso que me faltava e que não me dava conta. Timidamente fui apertando tecla por tecla, letra por letra e esta história foi saindo devagarinho, dando vazão às idéias que não me vinham à cabeça na madrugada anterior. Com ela também foi se esvaindo aquela agonia e a indecisão que sentia. Escrever é isso, ora nos falta a idéia, ora nos falta a palavra. É uma necessidade inerente ao próprio corpo, está na alma e nos deixa, vez por outra, indecisos. Escreve-se nem que seja para deixar mofando na gaveta ou na memória do computador, na esperança de um dia sermos lidos.

Voltei à janela na expectativa de ver o pássaro. Não o avistando, voltei ao computador, sentei-me outra vez, repassei todo o texto, e apertei a última tecla que faltava. A do ponto final.

O GORDO E O MAGRO

Num desses dias de muito calor, quando passeava pela avenida central de Curitiba, algo inédito aconteceu. À vontade, andava com roupas frescas e vaporosas e, sobretudo, com tempo para admirar tudo que estava a minha volta. A beleza inconfundível de minha terra natal saltou-me aos olhos, como se só agora me desse conta do quanto ela é bela.

Este é o poder das férias, ela nos possibilita vagar e divagar observando as novidades incorporadas nas ruas nos últimos doze meses. È como se durante o ano não nos apercebêssemos dessas mudanças, dada às correrias do nosso dia-a-dia, pois estamos sempre preocupados com os nossos afazeres.

E foi num desses dias maravilhosos que, andando pela rua das Flores, deparei-me com um cidadão deveras curioso, vinha em minha direção sorridente e com os braços abertos, como quem está pronto a me abraçar. Olhei para trás procurando saber se aquele gesto todo não era para outra pessoa. Não era:

- Não precisa nem falar, você não está me reconhecendo, não é verdade? Perguntou-me enquanto me dava um enorme abraço que quase me sufocou.

- Bem... É que eu... Tentei falar algo, mas não me deixou, interrompia-me logo que iniciava o diálogo.

- Não precisa se desculpar, meu amigo. Você não poderia mesmo me reconhecer.

- Não! ... Falei perplexo.
- Claro que não! Exclamou com o maior sorriso do mundo, enquanto me dava um novo abraço apertado, que parecia mais um torniquete que propriamente um abraço fraternal.
- Não? E porquê não?
- Meu amigo será que você não está vendo?
- Não! Respondi curioso, já sem entender mais nada daquilo tudo que se passava comigo, bem ali, no centro da cidade, da minha cidade, do meu torrão natal.
- Ah! Como você me faz feliz não me reconhecendo...Dizia.
- Feliz? Não lhe reconhecendo? Como assim?
- Sim, muito feliz. É sinal que deu certo. Eufórico punha ambas as mãos nos meus ombros e balançava-me como se fosse uma sineta.
- Meu amigo, falei-lhe em tom sério. Afinal o que é que deu certo, explique-se, por favor?
- Então, não se lembra mais? Foi o chá. Respondeu-me satisfeito. Confesso que estava cada vez mais intrigado com aquele cidadão. Afinal quem seria ele? Perguntava-me.
- O chá? Mas que chá? Não sei de nenhum chá!
- O chá que você me deu... Perdi cento e dez quilos. Meu amigo, eu nunca mais

vou esquecer de você, nunca mais. Olhe para mim e veja o bem que você me fez.

- Mas eu não... Tentei explicar que aquilo tudo só poderia ser um terrível engano. Nunca o tinha visto mais gordo e tampouco mais magro, mas ele na sua euforia continuava falando agradecido por tudo e sacolejando-me pelos ombros.

- Espere aí! Exclamou olhando-me da cabeça aos pés. Afastou-se um pouco para poder mirar-me melhor à distância.

- Mas eu não estou... Interrompeu-me quando ia lhe dizer que não estava entendendo mais nada, que aquilo só poderia ser um tremendo engano. Talvez estivesse me confundindo com outra pessoa, mas sempre me interrompia sem deixar-me concluir. Aquilo parecia um monólogo.

- É claro que não está! Não está tomando o chá. Isso sim. É daqueles que dizem para tomar que faz bem, mas não são capazes de tomarem em seu próprio benefício, não é?

- Veja bem... Tentei novamente sem sucesso.

- Estou vendo e muito bem, meu amigo. Você engordou pelo menos uns oitenta quilos desde aquela época, não é mesmo? Que feio que você está fazendo. Tome o chá que você vai ver como melhora toda essa banha daí. Enquanto falava, entusiasmado com o tal chá, cutucava-me na barriga com um vasto sorriso.

- Bem, bem, já vou indo...Falou-me. E não se esqueça de tomar o chá, viu? Abraçou-

me e saiu satisfeito da vida, perdendo-se na multidão da rua.

Fiquei ali por mais alguns instantes pensando naquilo tudo que aconteceu. Não podia acreditar. Foi tão rápido que sequer sabia o nome dele. Refleti sobre suas palavras donde conclui que era gordo e ficou magro, e eu que era magro, fiquei gordo. De repente algo me deu um estalo na cabeça:

- Hei, hei! ... Espere aí! ... Qual é mesmo o nome do chá?

Saí correndo atrás do homem, para saber qual era o chá que lhe tinha dado. Queria tomá-lo. Precisava emagrecer. Não mais o achei na multidão que ia e vinha, uns gordos e outros magros. Assim é a vida. Se não aproveitamos a oportunidade na hora que aparece, perdemos a chance para sempre.

Nunca mais encontrei o tal cidadão, e até hoje não sei qual é o chá milagroso que dizia ter-lhe indicado. Será mesmo? Ou foi pura gozação. Uma maneira pouco convencional de chamar alguém desconhecido de gordo? Nunca vou saber.

MANIA DE GORDO

A vida seguidamente nos apronta das suas. Muitas vezes adquirimos uma certa habitualidade com o passar do tempo que deixa a sua marca indefinidamente. São pequenas coisas que se incorporam ao nosso modo de viver e se enraízam de tal maneira, e tão profundamente que, quando nos apercebemos, não tem mais jeito. Falo dos vícios, pequenos ou grandes, que devagarinho vão tomando conta de nossa vontade, podendo causar enormes estragos em nossas vidas. Falo ainda daqueles hábitos que se somam ao nosso comportamento e se transformam em verdadeiras manias, como colecionar selos, surfar nas águas geladas do mar, colecionar borboletas, entre tantas outras mais.

As pessoas que adquirem manias apresentam certas esquisitices que se revelam pela exacerbação de gestos que se repetem sem mesmo perceberem, mas amplamente notados pelos outros que a rodeiam. Isto tudo não deixa de ser uma espécie de psicose comportamental adquirida por hábitos repetitivos.

Caso típico do Fernando, um grande amigo do tempo de faculdade. Tinha mania de gordo, muito embora fosse magro como um palito.

Fernando fez um tratamento sério para emagrecer. Pesava 158 quilos e comia compulsivamente quase um elefante em cada refeição. Seus pais não estavam agüentando as despesas com a sua alimentação, isso sem contar com as roupas que já não lhe serviam mais. Submetera-se então a uma

cirurgia para redução do estômago, e agora, como resultado estava com 55 quilos. Leve e solto como a pluma que desliza no vento brando.

Acontece, entretanto, que Fernando não abandonou os antigos costumes, velhos hábitos que já lhe estavam incorporados. Bastava observá-lo quando andava, assumia aquele ar característico dos gordos, punha ambas as mãos sobre a barriga inexistente, e mexia o corpo para ambos os lados em leves balanços laterais. Suas pernas e braços moviam-se afastados do corpo como se uma imensa camada de gordura inexistente estivesse a separá-los.

Fernando ria como os gordos, segurava a barriga como se ela fosse cair repentinamente, comprimia e soltava a seguir os músculos, em vários movimentos. Com voz geralmente presa na garganta, gargalhava com a pança que não era a sua, mas a do Fernando gordo de antigamente.

Ao sentar-se sempre era repreendido pelos parentes, pois se sentava com as pernas abertas e as mãos sobre a protuberância fantasma. Quando lhe chamavam a atenção para isso, imediatamente corrigia a postura, voltando ao hábito logo que esquecia.

Gemia ao se abaixar para pegar algo que estivesse no chão, como se aquilo fosse culpa da barriga que lhe pressionava o diafragma, comprimindo os pulmões. Tudo isso era fruto de sua imaginação. Era alguma coisa automática e imperceptível a ele.

Numa ocasião perguntaram a ele se achava falta da massa corpórea perdida. Respondeu que não, mas que ainda não havia adquirido a nova mania de não

ocupar tanta extensão. Por isso é que continuava a andar esparramado, ocupando mais lugar do que realmente seria necessário. Contrariava assim as leis da física que dizem que um corpo não ocupa mais que o volume limitado a sua massa física.

Comentava e ria, tinha consciência daquilo que com ele se passava. Prosseguia com seus velhos e enraizados hábitos até que aos poucos os novos fossem se incorporando lentamente, se convertendo em novas manias. Pedia aos amigos, numa demonstração clara de humildade, que o ajudasse a superar essas obsessividades.

Fernando foi um grande amigo. Morreu de obesidade alguns anos depois de sua formatura. Corrigiu vários hábitos, mas por mais que lutasse não conseguiu superar as manias próprias de um gastrônomo.

DOMESTICANDO

Naquela tarde bateram à minha porta nove pessoas, todas atendendo a um anúncio que coloquei no jornal para contratar uma empregada doméstica. Nenhuma delas atendia as exigências de minha esposa, que era rigorosa na escolha.

Pela décima vez a campainha tocou, ela já não agüentava mais atender e entrevistar tanta gente despreparada. Combinei que faria a entrevista e a contratação. Atendi a porta e lá estava uma menina com um pedaço de jornal enrolado nas mãos. Pareceu-me ávida pelo emprego, pois concordava com tudo que lhe perguntava. Contratei e pedi que iniciasse no dia seguinte bem cedo. Minha esposa que ouvia a entrevista alertou-me que não daria certo, uma vez que a menina não tinha referências, tampouco experiência. Insisti em dar-lhe o emprego porque fiquei com pena da moça. Assumi a responsabilidade por ela.

Cenaura era o seu nome. Pretinha retinta de cabelos encarapinhados, encabulada, mas um pouco petulante. Retorcia-se toda quando conversava com ela. Parecia a Nega Fulô de tão espreitada e desatenciosa com as coisas que fazia.

No dia seguinte, primeiro dia de trabalho, chegou às dez horas da manhã para iniciar os serviços da casa.

- **Pedi que viesse cedo! Disse-lhe.**
- **Eu sei, sim senhor! Respondeu segura de si, sem justificar o atraso.**

Como era o primeiro dia, relevei e pedi novamente que no mais tardar chegasse as oito da manhã, pois todos saíam de casa muito cedo para o trabalho.

- Ta! Balbuciou retorcendo o corpo e olhando para baixo.

Enquanto minha esposa dormia, mostrei-lhe onde estava a cozinha e as panelas; dei-lhe algumas instruções para fazer as compras que faltava.

- Sabe ler e escrever?
- Sei sim!
- Então, anote aí na lista o rol das compras.

Cenaura coçou a cabeça, contorceu-se para os lados e finalmente perguntou:

- O que é “listaorol”? Isso eu nunca comprei não senhor!
- Bem, deixe isso prá lá. Depois eu compro e trago tudo na volta do trabalho, à tardinha.
- Ta!

Na volta trouxe todas as compras da lista, deixando os pacotes sobre a mesa, que permaneceram ali até o outro dia, quando:

- Porquê você não guardou as compras no armário da cozinha? Perguntei-lhe meio irritado.
- Mas era prá guardá? Disse com ar de espanto.

No dia seguinte, ao voltar para casa ao meio dia, vi que a cama do meu quarto não estava arrumada, então lhe passei uma descompostura.

- Mas era prá arrumá?

Reuni um pouco mais de paciência e procurei orientá-la dizendo que o serviço da casa tinha que ser feito sem mandar. Era para isso que estava contratando os seus préstimos. Teria, portanto que tomar a iniciativa sem que fosse mandada.

- Ta! Respondeu olhando para os lados.

Os dias foram passando e Cenauro apesar de sua burrice demonstrava algum esforço para melhorar, embora o seu aprendizado fosse muito lento.

Assim, as coisas continuaram até que um dia a campainha tocou e pedi a ela que olhasse quem a estava tocando. Passou algum tempo e como nada me falou, perguntei-lhe então:

- Você olhou quem estava batendo à porta?
- Olhei, sim senhor!
- E quem era?
- Era um homem!
- Um homem? E o que ele queria?
- Não sei não senhor. O senhor só mandou olhá.

A campainha soou outra vez e tive que ir atender. Era o homem do gás.

Minha esposa não se envolvia porque fui eu quem a contratou, portanto a responsabilidade era toda minha, inclusive de domesticar a doméstica Fulô.

Os dias foram passando e minha paciência já começava a dar sinais de cansaço e intolerância. Estava a ponto de mandá-la embora, que arrumasse as suas trouxas e caísse fora. Minha esposa interveio pedindo que não fizesse isso, pois estava começando a gostar dela. Aprenderia tudo, era só esperar um pouco mais, dizia-me.

Assim o tempo andou depressa, as duas foram se afeiçoando cada vez mais e, Cénaura, foi garantindo o seu emprego por mais alguns meses, até que:

- **Alô! Disse ela ao atender ao telefone. - Não senhor... Sim senhor... Continuava falando. - É Ermelino de Leão... Ta... Ta... Desligou.**

- **Quem era? Perguntei achando um pouco estranha a maneira como falou ao telefone.**

- **Não sei!**

- **E o que ele queria?**

- **Queria saber da casa de quem eu estava falando.**

- **E você o que lhe respondeu?**

- **Da casa do Ermelino de Leão, oras!**

- Mas Ermelino de Leão é a rua

onde está a casa... E não o meu nome. Falei com a voz alterada.

- Ah! é?
- É!
- Ta!

Já não suportava mais aquilo, é muita imbecilidade para uma só pessoa. Quase dois anos na minha casa e ainda não sabia como eu me chamava. Isso era demais. Mas a minha esposa não queria despachá-la, gostava dela por que era honesta e não mexia em nada. Tudo que queria, pedia.

E assim foi por dois anos inteirinhos. Cenaúra, graças ao seu esforço e a muita paciência que dispensei a ela, ficou uma excelente empregada. Dia-a-dia foi sendo domesticada até ficar no ponto certo. Fazia tudo direitinho sem que fosse necessário mandá-la. Sozinha comandava toda a casa.

Num belo dia de uma segunda feira só apareceu à tarde, quando o sol já se punha no horizonte. Veio para juntar a trouxa e ir embora, havia arrumado um novo emprego. E lá se foi a Cenaúra, deixando-nos na mão depois de tanto trabalho para domesticá-la. Mas a vida é assim mesmo.

UM ROSTO NA SOMBRA

Mainara era o seu nome. Uma morena de estatura mediana, com cabelos longos que contrastavam com seus lindos olhos amendoados e verdes. Seu corpo escultural chamava a atenção de todos que por ela passava. Tinha um andar leve e um rebolado provocador que mexia com todos que a viam passar. Não tinha homem naquela cidadezinha que não a quisesse para esposa. Bastava um piscar de olho para que todos caíssem a seus pés.

Apesar de tanta beleza, Mainara não era uma moça feliz. Havia qualquer coisa nela que refletia uma intensa melancolia, uma profunda tristeza que lhe invadia todo o ser. Quase não saía de casa com as outras moças que insistiam para juntas irem a festas, ao cinema, na praça da cidade, que embora pequenina alentava todos que por ela passeava. Sempre dava uma desculpa ou outra e acabava não indo com suas amigas. Preferia ficar em casa, ler uma revista ou ver televisão trancada no quarto.

Aos domingos, Mainara limitava-se a ir à missa com seus pais, que já andavam preocupados com o comportamento anormal da menina. Por mais que sua mãe tentasse arrancar dela os seus problemas, inteirar-se do que com ela se passava, não adiantava, estava sempre arredia e calada. Suas respostas eram sempre evasivas e na maioria das vezes monossilábicas. Dava com os ombros, virava as costas e saía para outro lugar onde estivesse sozinha.

Assim que a noite caía, tornando tudo mais sossegado naquela cidadezinha do interior, recolhia-se ao quarto e lá se trancava a sete chaves. Parecia que estava amedrontada e fugindo de alguma coisa que a incomodava e muito. Sua mãe batia à porta insistentemente, mas ela não respondia.

Muitas vezes ficava à janela de seus aposentos por várias horas conversando com a lua e admirando as estrelas que brilham no firmamento. De quando em quando suspirava fundo, deixando transparecer toda a sua angústia de menina moça.

Seus pais a levaram num médico, onde ficou constatado que não havia nada de anormal com sua saúde física, porém, foi aconselhado consultarem um psicólogo, que concluiu que Mainara era altista. Todos os seus sintomas e comportamentos, bem como a suas divagações e isolamento, levaram, após exaustivos testes a esta conclusão. O altista, por característica própria, encerra-se dentro de um mundo imaginário, vivendo sem se importar com as coisas que se passam a seu redor. A partir desse momento uma série de sessões psicoterapêuticas se sucedeu sem qualquer resultado prático.

Em seu quarto, Mainara ficava horas defronte ao espelho escovando seus longos e brilhantes cabelos, sem ao menos enxergar o reflexo de sua imagem no espelho. Sempre absorta e alienada de tudo e de todos. Realmente isso não era comum em pessoas normais, comentavam os vizinhos.

Deitava-se, levantava-se, ia até a janela respirava fundo a brisa da noite, sempre abstraída em seus pensamentos, que a levava a pensar no sonho que

tinha todas as noites. Era um sonho que lhe parecia real não fosse por aquele rosto que lhe aparecia na sombra, imperceptível como o próprio negrume da escuridão.

Noite após noite repetia-se aquela cena visionária e Mainara, confusa, não sabia distinguir a realidade da fantasia, o medo da paixão. De uma coisa ela tinha certeza, estava cada vez mais envolvida com aquele espectro de homem e prestes a se entregar ao príncipe negro e imaginário. Sim, esta seria a única maneira de libertar-se daquela ilusão, pensava reclusa em seu leito.

Quase às raias da loucura, certa noite, em gritos que ecoava pela casa toda, acordou seus pais que imediatamente correram em seu quarto, encontrando-a em prantos. Aconchegada no colo de sua mãe, e após diversas insistências, começou a contar a sua história de amor pelo visitante noturno:

“Era alto e magro, vestido de negro. Na cabeça um chapéu igualmente preto fazia sombra em seu rosto tornando-o escurecido, sombreado e indefinido. Parecia que aquele homem, tão elegante, não tinha uma face. Falava bonito lindas frases de amor, declamava poesias a seus ouvidos e jurava amor eterno. Ficavam enlevados e conversando durante uma boa parte da noite. Saía da mesma maneira que tinha entrado, pela janela que sempre ficava aberta, deixando a brisa suave da noite refrescar o quarto com um aroma de rosas”.

Em soluço, nos braços da mãe que a aconchegava, ia devagarinho desabafando seus mais

intrínsecos segredos, que eram ouvidos atentamente e seguidos de conselhos sábios até adormecer exaurida.

No dia seguinte, visivelmente abatida, os pais procuraram o médico da família que lhe receitou um calmante, mais atribuindo como causa o sistema nervoso que a história mirabolante que acabara de ouvir.

Alguns dias se passaram de maneira calma e sem maiores problemas. As noites eram tranqüilas graças ao remédio receitado que lhe induzia ao sono.

Como sempre fazia, Mainara deitou-se cedo naquela tarde, e quando o relógio indicava meia noite, de súbito, despertou com um barulho na janela. Sentou-se na cama e viu o seu príncipe sem rosto adentrar o seu quarto, e mansamente aproximava-se falando lindas palavras. Amaram-se como nunca. Ao sair, jogou da janela uma rosa vermelha, que caiu no chão a beira da cama onde estava Mainara, que imediatamente a pegou do assoalho e a colocou em cima da sua penteadeira.

Mainara acordou suada daquele pesadelo. Viu a janela aberta que deixava entrar o vento que balançava a cortina que pendia do teto. Olhou em cima da penteadeira e lá estava a rosa vermelha que lhe fora jogada momento antes dele sair. Estava feliz, mas indecisa e amedrontada. Teria sido aquilo um sonho ou realidade? Paranóia de sua imaginação fértil de menina moça ou a mais pura realidade? Mas, e a janela aberta, e a flor que agora estava bem ali diante de seus olhos? Estava confusa. Quem seria aquele estranho cavalheiro que todas as noites a amava? Se ao

menos pudesse ver-lhe o rosto! Pensava entremeio a mil conflitos.

Na manhã seguinte, contou toda a história para a sua mãe, que não podia acreditar naquilo que ouvia. Sua filha beirava a insanidade mental, mostrava-se apaixonada por alguém invisível que só aparecia na calada da noite. Estava cada vez mais apreensiva, mas deixou o tempo passar, sempre aconselhando a menina.

Os sonhos ou os pesadelos de Mainara continuaram por muito tempo ainda. Parecia que estava feliz, namorava um lindo cavalheiro sem rosto definido, sem nome, e só se encontravam na calada da madrugada, sempre muito gentil, enamorado, lhe proporcionava momentos de intensa felicidade. Isso tudo era muito estranho, pensavam seus pais.

O médico de Mainara ficou surpreso ao constatar que ela estava grávida de um menino. Mas como? Perguntavam-se seus pais intrigados. Como poderia isso ocorrer se a menina não saía de casa e nem sequer tinha um namorado? Seria verdadeira a história de Mainara sobre o cavalheiro sem rosto? Ou seria apenas um cavalheiro com o rosto na sombra? A verdade é que Mainara estava grávida e muito feliz, tinha mudado todos os seus hábitos e relacionamentos. Era uma outra mulher. A criança, obra do acaso, talvez coisas do além. Quem sabe de quem? Seus sonhos acabaram, seu príncipe nunca mais voltou.

MANOEL, SALIM E JACÓ.

Três amigos inseparáveis. Três nacionalidades diferentes uma da outra. Três histórias. Cada qual com a sua característica própria. As personalidades são diferentes, o modo de agir e reagir às coisas da vida diária são controvertidos, mas uma coisa eles tinham em comum, eram grandes companheiros e inseparáveis amigos, e possuíam um ideal.

Manoel, pessoa de muita solidariedade humana, gostava de ajudar os outros sempre que necessitassem de seu amparo. E não era necessário nem pedir, assim que percebesse que alguém estava precisando de algo, ou em dificuldades, era o primeiro a prontificar-se a ajudar e não media esforços para atender.

Dono de uma padaria no centro da cidade, Manoel ia bem nos negócios, que lhe estavam sendo rendosos e lhe proporcionavam bons lucros. Juntava todo o dinheirinho que podia, pois o seu sonho dourado era ir ter na sua terrinha natal, Coimbra, onde tinha deixado alguns entes queridos.

Contam que, certa vez alguém lhe perguntou ao telefone se a padaria “fechava” aos domingos. Respondeu que não, por que ela nem sequer “abria”. Mas se fosse necessário, disse Manoel ao freguês, poderia abri-la para atendê-lo.

Manoel recordava-se dos tempos que saiu de Portugal, onde lhe haviam dito que no Brasil havia muita fartura, e que dinheiro aqui era abundante e não faltava para ninguém. Ao chegar em nossa terra, logo

que desembarcou, achou um maço de dinheiro enrolado por um elástico, bem ali a sua frente caído no chão. Sorriu e com um dos pés chutou-o para bem longe, exclamando em seguida: Ô diacho, já está a me perseguir, heim! Nunca mais achou dinheiro algum caído pelo chão e olha que já lá se vão alguns anos que está no Brasil. Este é o Manoel da padaria, homem simples, como era conhecido. Um pouco confuso, talvez.

Salim, um turco legítimo, nascido na Turquia, sua terra natal. Também tinha aspirações de um dia voltar, mas só para passear e rever parentes e amigos. Gostava demasiadamente do Brasil e não se cansava de elogiar o nosso povo. Mascate de roupas e artigos diversos, Salim fazia grandes negócios e ganhava um bom dinheirinho. Seguro guardava quase tudo que ganhava na esperança de um dia poder passear “no meu terra”, como dizia no seu jeito engraçado de falar.

As pessoas que não o conheciam direito chamavam-no de “pão duro” por que sempre foi muito econômico, e então ele retrucava brabo: “Bão duro não é Salim... Salim é controlado. Bão duro é minha babai que não ganha nada brot outros”.

Contam que em certa ocasião, quando faleceu a sua esposa de um mal súbito, ficou muito triste e resolveu noticiar a morte a seus conterrâneos que moravam em outros estados do Brasil. Dirigiu-se então ao jornal mais próximo para veicular a notícia com os seguintes dizeres: “*Abdullad morreu*”. O recepcionista, espantado com a concisão da frase, perguntou-lhe então se não queria dizer algo mais; ao que Salim

respondeu que não queria gastar muito dinheiro, a vida andava cara e...

O recepcionista interveio informando que o valor mínimo permitia até sete palavras. Salim, agora mais satisfeito, pois faria economia, pediu então que publicasse a seguinte mensagem: *“Abdullad Morreu. Vendo carro dela. 99. Jóia”*. Salim apesar de ser extremamente cauteloso com os gastos, era muito querido na comunidade.

Jacó, um judeu radicado no Brasil há muitos anos, como seus amigos, queria voltar a sua terra natal a passeio, pois estava igualmente muito satisfeito com a hospitalidade do nosso povo.

Rabino de uma das mesquitas da cidade, sempre fazia suas pregações aos fiéis que a freqüentava. Seu forte era aconselhar a todos e mostrar sempre o caminho da verdade, da fé e principalmente da confiança mútua, que deveria sempre existir entre as pessoas. Isso Jacó sempre fazia em suas pregações, mas em casa com seus filhos ia mais longe ainda, demonstrava suas convicções filosóficas através de exemplos, que deveriam ser seguidos pelas crianças para todo o sempre, se quisessem ser homens honrados e honestos.

Contam seus vizinhos mais chegados que, Jacozinho, seu filho mais novo, com apenas cinco anos de idade passou por uma prova onde se demonstrava até que ponto pode ir a confiança entre duas pessoas.

Jacó punha o seu garotinho, que era uma gracinha, em pé em cima de uma mesa, e o estimulava a saltar sobre o seu colo e o amparava com toda a

segurança. O menino ria e estava gostando da brincadeira de saltar sobre o papai. Por duas vezes consecutivas Jacozinho pulou e foi amparado com muita presteza, aumentando cada vez mais a confiança entre eles.

Na terceira vez, o processo se repetiu, e Jacó, estimulava o seu filho: “Vai, Jacozinho, vai... outra vez... bula na cola do papi, vai”. Batia palmas com ambas as mãos, preparado para pegar e segurar o garoto ainda no ar.

Jacozinho, num ato de estreita confiança, atirou-se pela terceira vez, entusiasmado com a brincadeira, jogou-se no colo do seu papai. Foi quando Jacó tirou o corpo para o lado e Jacozinho estatelou-se no chão, abrindo a boca pelo tombo que acabara de levar. E então o velho disse:

- Viu filha meu... abre a não confiar nem na papi. Que te sirva essa lição. Não se pode confiar em demasia nas pessoas. Assim é o nosso Jacó, meio incoerente entre o que se faz e o que se diz. Meio exagerado em seus exemplos, mas sempre voltado às boas intenções. Muito querido por todos.

Três amigos, três nacionalidades, três histórias, três filosofias. Uma coisa em comum – o ideal de um dia poderem visitar a sua terra natal.

A CASA DA COLINA

Ela foi construída no século XV, pelo Barão de Itapetirica, um ilustre cidadão europeu. A mansão que ficava no alto da colina ostentava todo o luxo e o requinte conhecido na época. Abrigava uma das mais tradicionais famílias de toda a Europa. Palco das maiores festas em pomposidade que se podia imaginar. Abrigava em seu seio uma vida de riqueza e muito desperdício, cuja extravagância levaria os seus donos mais tarde a banca rota.

Majestosa, de longe se via imponente e até um pouco arrogante pela sua beleza nos detalhes de arquitetura, que a tornava a maior obra do século. Ladeada por um imenso jardim gramado; com árvores exuberantes que lhe davam um toque de muito refino e ousadia. Flores ao seu redor davam um toque sutil e acolhedor, tornando o jardim muito mais colorido e aconchegante.

O Barão e sua família moraram ali por muitos anos até que, pela vida desregrada e faustosa que levavam, aos poucos foram perdendo tudo, empenhando seus bens até consumi-los um a um. Tudo acontecia rapidamente sem que se apercebessem que sua fortuna estava se exaurindo, seu patrimônio, vindo cumulativamente de geração a geração, aproximava-se do fim.

Tentava a reabilitação da fortuna nos jogos de cartas, mas quanto mais jogava, mais se chafurdava em dívidas, mais penhorava seus pertences, mais consumia bebidas que lhe davam coragem para

arriscar mais e mais. A situação estava ficando desesperadora. Seus filhos já não podiam mais freqüentar as melhores escolas da Europa e foram chamados a abandonar os estudos. Os empregados foram sendo despedidos à medida que as coisas iam ficando piores. As festas terminaram, os amigos se afastaram. Restaram somente as dívidas e o desespero de todos.

Numa noite onde a jogatina adentrava a alma dos mais ferrenhos jogadores da região, geralmente homens poderosos e sem escrúpulos com a desgraça alheia, o Barão de Itapetirica, numa atitude desesperada, tentava reaver tudo que havia perdido nas noites anteriores, sentou-se à mesa e colocou em aposta nada mais, nada menos que a casa da colina.

Era a sua última cartada, aquele seria o jogo de sua vida. Nele colocou tudo que lhe restava de bem material, e quem sabe moral também. Toda a história de um passado de abundância e de muita irresponsabilidade, toda uma fortuna adquirida através de gerações, estava ali, naquela mesa de sorte ou azar, na dependência de uma simples cartada feita com habilidade.

As cartas foram dadas. O futuro foi posto à prova do acaso. Iniciou-se o jogo que seria de vida ou de morte. O silêncio fez ouvir o seu grito através do vento e do farfalhar das folhas das árvores, que pareciam chorar num sussurro íntimo e entristecido. Os olhares eram entrecortados por uma expectativa sem par dos que presenciavam aquele embate.

Na mesa redonda, ladeada pelos jogadores, nenhuma expressão no rosto frio e insensível daqueles

homens. Nenhum movimento dos corpos nas cadeiras, apenas seus olhares estavam atentos às cartas que estavam sendo baixadas, à medida que o jogo rodava e evoluía.

Sobre a mesa de pano verde as cartas iam sendo jogadas uma a uma, calmamente, silenciosamente, amontoando-se no centro uma sobre as outras até o desfecho final. O destino dos jogadores ia sendo traçado a cada jogada. O ambiente estava nervoso. No ar, a fumaça dos charutos impregnava todo o ambiente, tornando-o fétido e insuportável.

Na parede, o carrilhão antigo soava meia noite, exatamente no momento em que os ponteiros se encontravam no alto do mostrador romano. O pêndulo do relógio deslizava de um lado para outro, com uma suavidade extremamente cautelosa. O soar das badaladas se faziam sentir excitadas e nervosas ao reverberar pelas paredes da casa. Ao ressoar o último gongo, o relógio emudeceu, e a derradeira carta foi jogada sobre a mesa. Estava traçado o destino que lhe fora cruel e lhe roubara a sua chance, a sua esperança. Nada mais lhe restava agora.

Nem uma só palavra foi dita. Levantou-se com a cabeça erguida, apanhou sua cartola, seu fraque e a bengala. Olhou a todos demoradamente, sorveu uma longa baforada de seu charuto e saiu andando garbosamente, demonstrando uma tranquilidade falsamente vestida num orgulho incabido. Sua atitude pareceu aos demais presentes como um adeus. Era um homem de muita fibra, orgulhoso demais para se arrepender ou voltar atrás em suas atitudes.

Vagou pelas ruas frias daquela madrugada sombria, como quem procura uma resposta para tudo que lhe havia acontecido, e de forma tão repentina que mal podia acreditar na sua desventura. Meditava como seria a vida de seus familiares daquele momento em diante. Eram apenas quatro pessoas, ele e a esposa, e dois filhos ainda menores.

Na calada da noite escura, silenciosa e profunda, vagava pensativo pelas ruas desertas. Nada se ouvia a não ser o ladrar longínquo de um velho cão, talvez tão solitário e desesperado quanto ele, pensava enquanto andava e refletia sobre o futuro.

A neblina tomava conta das ruas, e o sereno chorava gotículas de água que aos poucos iam se depositando em cima das folhas das árvores que embelezavam aquela avenida, umedecendo aquela madrugada que lhe parecia não ter mais fim.

Parou um instante e ficou dali onde estava a observar a casa da colina, lá no alto, com sua visão esplendorosa que a todos chamava a atenção pela suntuosidade e opulência. Lembrava-se amargurado de outros tempos. Agora, de nada adiantaria suas reminiscências, tudo estava perdido. A casa da colina já não era mais sua, passara às mãos de outro num ato inconseqüente e impensado.

Chegando em casa, desfez-se logo da cartola, bengala e fraque, deixando-os dependurados logo na entrada. Foi até o escritório, apanhou sua arma, e com ela em punho, numa atitude de desespero, atirou em sua esposa que no leito achava-se dormindo. Em seguida, numa atitude robotizada, foi até o quarto dos filhos e apontando a arma em sua direção, disparou em

ambos, que estavam acordados e sentados na cama, assustados pelo estampido do tiro que tirara a vida de sua mãe. Tombaram sem mesmo saber o que estava acontecendo, sem um gemido e nenhum ai.

Cego pelo ato bárbaro que cometera, voltou ao seu quarto e deitou-se ao lado da esposa, que jazia morta sobre o lençol manchado pelo sangue. Desferiu sobre si o derradeiro tiro que lhe tirou a vida e encerrara uma longa história.

A casa da colina permaneceu muito tempo abandonada. Seus novos donos não quiseram assumi-la, dada à fatalidade de tão controvertida vitória naquele jogo. Muitas falácias surgiram, como a de que o barão fora roubado no jogo de cartas. E que por esse motivo à família ainda habitava a casa assombrando-a, cujos espíritos de malignidade vagavam por ela, entre tantos outros comentários infundados que corriam de boca em boca.

A casa da colina, assim abandonada, ia aos poucos sendo deteriorada pela ação corrosiva do tempo, que implacável, lhe dava um aspecto assombroso, mas sem perder, entretanto, toda aquela imponência de outrora.

E assim ficou por muito tempo, até que sem herdeiros, o governo providenciou o seu tombamento histórico. Foi aberta para visitação pública depois de muitos anos.

UMA VIAGEM MUITO LOUCA

Estávamos reunidos num grupo de amigos numa tarde de inverno. Naquele dia o frio era intenso, o termômetro marcava dois graus negativos. Lá fora o vento estava forte e uma fina e insistente garoa caía intermitente tornando tudo mais úmido; se esfriasse um pouco mais cairia neve. Todos queriam, torciam para isso acontecer, uma vez que esse fenômeno é muito raro em Curitiba.

A cada momento um de nós ia até a janela dar uma espiada, para não perdermos essa cena de alva brancura. Não foi nesse inverno ainda que víamos a chuva fininha convertendo-se em flocos de gelo.

Se lá fora estava assim, em contrapartida, aqui dentro desta sala, ampla e confortável, estávamos protegidos do frio pelo calor da lareira acesa, que deixava crepitar nas labaredas da lenha que ardia, faíscas incandescentes que geravam o calor de que todos naquele ambiente necessitavam.

Apesar do inverno rigoroso, o curitibano aprendeu a se defender dele com agasalhos adequados, e bebidas fortes e quentes que ajudam nas combustões internas do organismo, fazendo com que o calor brote dentro do próprio corpo.

A reunião com os nossos amigos estava animada e cada qual contava uma história ou uma piada, e assim o dia ia passando mais rápido enquanto nos

divertíamos com algumas mentiras que eram ditas. Algumas.

E nesse conta e reconta, uma historia verdadeira veio à lume, contada por um amigo e vizinho nosso. Quase morremos de tanto rir, não sei se pela maneira como ele contou, pelos seus trejeitos, ou se realmente aquilo que viveram naquela viagem desastrosa foi verdade. Afirma o meu amigo que tudo que nos disse realmente aconteceu.

“Tudo começou quando no fim do ano resolveram tirar uns dias de descanso na casa de um parente que não viam há muitos anos, em São Paulo”.

Numa época de cachorro magro, onde as coisas não andavam lá muito bem, o dinheiro curto do salário não lhe permitia ir para um bom hotel, pois o meu amigo não tinha ainda um bom emprego, razão pela qual embarcaram num ônibus de linha regular visando uma viagem econômica, e em casa de parentes.

Felizes pelo passeio que parecia ser uma aventura, embarcaram o casal e mais três filhas, todas pequenas. A mais velha contava com apenas seis anos e as outras duas meninas, com quatro e três anos. Antes, porém, passaram parte da noite anterior arranjando as malas, passando a ferro as roupas que levariam, fervendo o leite para as mamadeiras das crianças, providenciando os sanduíches de mortadela para comerem no trajeto. Estavam exaustos ao término de tudo isso. Mas as quatro malas e as duas sacolas estavam prontas às cinco horas da madrugada. Dormiram apenas duas horas antes do embarque.

Assim que o relógio despertou levantaram-se correndo, e mal tiveram tempo de lavar o rosto. Vestiram as crianças às pressas, e pegaram cada qual uma num dos braços, e no outro uma grande e pesada mala, sem contar que a tiracolo iam mais duas frasqueiras com o lanche, isso, claro, no pescoço do meu amigo.

Assim foram eles, correndo a pé até a rodoviária que distava apenas cinco quadras de sua casa, quase não valia a pena chamar um carro táxi, dado a proximidade curta do trajeto.

Ao chegarem no terminal rodoviário para o tão esperado embarque, já estavam exauridos de tanto cansaço. Mas felizes por estarem indo visitar seus parentes da capital.

Agora, confortavelmente instalados dentro do ônibus, cada qual com sua poltrona, relaxavam do cansaço do trajeto à rodoviária, que acabaram de fazer. Nesse instante os demais passageiros começaram a tomar os seus lugares, e foi numa dessa que se iniciou uma pequena confusão. Os lugares onde estavam sentadas as duas meninas, fora reclamado por duas velhotas que tinham passagens numeradas idênticas. Iniciou-se aí uma certa discussão onde se confirmou o erro da empresa ao vender os bilhetes. E naquele bate-boca não houve outra alternativa ao meu amigo senão a de ceder o lugar às velhotas. Com isso as crianças passaram para o colo do casal. Agora, estavam em cinco pessoas num lugar estabelecido para duas. Tudo bem pensaram, o que importa é que estavam indo para a capital, contentes da vida.

Assim, a viagem seguia para o seu destino perfazendo os caminhos tortuosos das estradas esburacadas. Começaram a sentir o incômodo do desconforto. Empilhados naquele banco duro, sacolejavam com as crianças no colo, que também estavam cansadas já começando a reinar. A menorzinha queria mamar, mas a sacola estava lá em cima no porta malas, para pegar foi uma dureza com o ônibus em movimento, e quando conseguiram, o leite estava frio e a criança o rejeitou. Dali para frente choramingou de fome o tempo todo até que dormiu no colo da mãe.

O meu amigo, de quando em quando, olhava desolado para o banco ao lado, ele tinha sido seu por alguns instantes, e via as duas velhotas, uma sobre a outra roncando confortavelmente, tinha ímpetos de arrancá-las dali ou deixá-las na primeira parada que houvesse.

De repente, e sem maiores causas, sua esposa desandou a gritar. Era um grito agoniado de dor, que assustou todos que com eles viajavam. Gritava de maneira desvairada, nada falava, gesticulava e apontava para o marido que não sabia do que se tratava. As crianças também choravam a exemplo da mãe. Foi um corre-corre tão grande que o motorista resolveu parar e verificar o que estava acontecendo. A mulher continuava de um só fôlego gritando e gesticulando, apontando o marido. A bem da verdade, não estava dizendo que tinha sido ele, mas pedindo socorro a ele.

Alguns passageiros mais exaltados tomaram partido da mulher, achando que o meu amigo a estava surrando, maltratando, e revoltados, queriam agredi-lo também. Ele se defendia como podia na tentativa de explicar que estava inocente, mas não lhe davam ouvidos em meio aquela confusão.

Assim foi por mais algum tempo, até que a sua esposa conseguiu falar, com voz entrecortada por soluços e lágrimas. Com o pé enfiado entre o assento e o encosto do banco da frente, seu dedão foi amassado, prensado, e ficou preso pela engrenagem que recosta o banco, quando o passageiro o reclinou. Verificada as causas, o conflito acabou dentro de um pronto socorro na primeira parada, atrasando a chegada em São Paulo.

A viagem continuou tranqüila, nenhum incidente aconteceu durante o restante do trajeto, até que uma das crianças pediu para fazer xixi. Foi outra confusão para saírem do amontoamento que estavam; uma das meninas, que até hoje não se sabe qual, pisou no dedão inchado da mãe. Nova crise de gemidos provocou uma reação dos demais passageiros que queriam dormir.

Pronto, chegaram salvos no destino, embora cansados e quase querendo voltar para o aconchego do seu lar, donde não deviam nunca ter saído.

A esposa com o dedão enfaixado e latejante mancava e capengava quase sem poder andar, com isso, as crianças e as malas sobraram quase todas para o meu amigo, que as carregou até o ponto do ônibus de linha urbana que os levariam até o outro lado da cidade de São Paulo. Era longe, pelo menos umas três

horas até o destino. Qualquer semelhança com um pau de arara era mera coincidência.

Durante o trajeto, a menina mais nova começou com uma febre de arder e só queria colo. Foi um suplício até chegarem na casa dos parentes, que não apresentavam condições de receber tanta gente em seu lar, não havia acomodações para todos. Ajeitaram as crianças menores numa cama de solteiro e o casal dormiu no chão duro da sala fria.

No dia seguinte resolveram voltar. Antes, porém, tiveram que passar num posto de saúde medicar a febre da menina e revisar o dedão da comadre que ainda formigava dolorido. Assim, medicados, retornaram de volta ao lar na expectativa de uma viagem melhor “.

Hoje, passados alguns anos, eles estão aqui, no conforto de sua mansão, aquecidos pelo fogo que ardia febril na lareira, sorvendo em pequenos goles um vinho português da melhor procedência e safra especial, rindo daquela viagem muito louca. Bem dizem que rico ri à toa.

